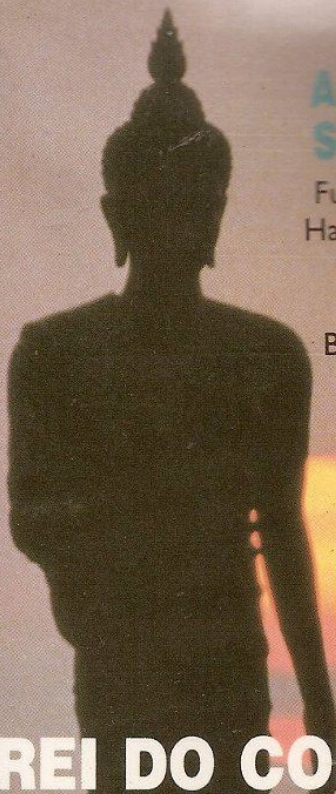




Sua Divina Graça
**A.C. BHAKTIVEDANTA
SWAMI PRABHUPĀDA**

Fundador-Acharya do Movimento
Hare Krishna. Autoridade máxima
em ciência espiritual no mundo
contemporâneo - Autor do
BHAGAVAD-GĪTĀ COMO ELE É
e outras obras clássicas

O REI DO CONHECIMENTO

**RAJA
VIDYĀ**



O REI CONHECIMENTO RAJĀ VIDYĀ

Sua Divina Graça

A.C. BHAKTIVEDANTA SWAMI PRABHUPĀDA

Fundador-Arharya do Movimento Hare Krishna. Autoridade máxima em ciência espiritual no mundo contemporâneo - Autor do BHAGAVAD-GÍTĀ COMO ELE É e outras obras clássicas.

"Este conhecimento é o rei da educação, o mais secreto de todos os segredos. É o conhecimento mais puro, e por dar direta percepção do eu através da realização, é a perfeição da religião. Ele é eterno e se executa alegremente"

Bhagavad-gitā 9.2

TODAS AS GLÓRIAS A SRĪ GURU E GAURĀNGA

Sua Divina Graça

A.G BHAKTIVEDANTA SWAMI PRABHUPĀDA

Fundador-Ācārya da Sociedade Internacional da Consciência de Krishna

ÍNDICE

1. Rāja-vidyā: o rei do conhecimento
2. O conhecimento que transcende sarhsāra
3. Conhecimento das energias de Kṛṣṇa.

4. Conhecimento por meio dos mahātmās,
grandes almas

5. Paramparā: conhecimento através da
sucessão discipular

6. Conhecimento dos aparecimentos e
atividades de Kṛṣṇa

7. Conhecimento como fé no guru
e rendição a Kṛṣṇa

8. Ação com conhecimento de Kṛṣṇa
Glossário

1

Rāja-vidyā: o rei do conhecimento

*sri bhagavān uvāca idam tu te guhyatamam
pravakṣyāmy anasuyave jñānam vijñāna-sahitarh
yaj jñātvā mokṣyase 'subhāt*

"O Senhor Supremo disse: Meu querido Arjuna, como jamais tiveste inveja de Mim, transmitir-te-ei esta secretíssima sabedoria, conhecendo a qual aliviar-te-ás das misérias da existência material."
(Bg. 9.1)

As palavras iniciais do Nono Capítulo do *Bhagavad-gītā* indicam que é a Divindade Suprema quem está falando. Neste verso, Sri Kṛṣṇa é chamado de Bhagavān. *Bhaga* significa opulências e *vān*, aquele que

possui. Nós imaginamos o que seja Deus, porém, recorrendo à literatura védica, encontraremos descrições e definições categóricas do que Deus possa ser, e tudo isso pode ser resumido com uma só palavra — Bhagavân. Bhagavân possui todas as opulências, a totalidade do conhecimento, da riqueza, do poder, da beleza, da fama e da renúncia. Ao encontrarmos alguém que possui essas opulências na sua plenitude, com certeza teremos encontrado Deus. Muitos homens são ricos, sábios, famosos, belos e poderosos, mas ninguém pode afirmar possuir todas essas opulências. Apenas Krsna pode afirmar tal coisa.

*bhoktâram yajna-tapasâm
sarva-loka-mahesvaram suhrdarh sarva-bhütânâm
jnâtvâ mām sântim rcchati*

"Sabendo que Eu sou o objetivo último de todos os sacrifícios e austeridades, o Senhor Supremo de todos os planetas e semideuses e o benfeitor e benquerente de todas as entidades vivas, os sábios libertam-se das dores das misérias materiais." (Bg. 5.29)

Neste verso, Krsna proclama ser o desfrutador de todas as atividades e o proprietário de todos os planetas (*sarva-loka-mahesvaram*). Pode ser que determinado indivíduo possua uma grande extensão de terra, e talvez ele se orgulhe disso, mas Krsna afirma ser proprietário de todos os sistemas planetários. Krsna também diz ser o amigo de todas as entidades vivas (*suhrdam sarva-bhütânâm*). Quem compreende que Deus é proprietário de tudo, o amigo de todos e o desfrutador de tudo torna-se muito pacífico. Esta é a verdadeira fórmula da paz. Ninguém poderá ter paz enquanto pensar: "Eu sou o proprietário." Quem pode afirmar possuir alguma coisa? Há apenas cem anos, os índios eram considerados os proprietários dos Estados Unidos. Hoje em dia, são os brancos que estão reivindicando tal propriedade, porém, dentro de quatrocentos ou mil anos, talvez outra raça reivindique a mesma coisa. A terra está aí, mas nós a

ocupamos e alegamos falsamente que ela nos pertence. Esta filosofia do falso proprietário não é compatível com os preceitos védicos. O *Sn Isopanisd* declara que "todas as coisas animadas ou inanimadas existentes no universo estão sob o controle do Senhor e Lhe pertencem (*isavāsyam idam sarvam*).\" Esta declaração apresenta uma verdade insofismável, porém, iludidos, nós achamos que possuímos algo. Na realidade, tudo pertence a Deus, e por isso Ele é conhecido como o mais rico.

É claro que muitos homens afirmam ser Deus. Na Índia, por exemplo, em qualquer época, não é difícil encontrar pelo menos uma dúzia de pessoas afirmando ser Deus. Contudo, se lhes perguntamos se tudo lhes pertence, elas têm dificuldade em responder-nos. Este critério nos ajuda a entender quem é Deus. Deus é o proprietário de tudo, e, sendo assim, Ele é necessariamente mais poderoso do que qualquer outra pessoa ou qualquer outra coisa. Quando o próprio Krsna esteve presente na Terra, ninguém conseguia vencê-lo. A história não tem registro de alguma batalha que Ele tenha perdido. Ele pertencia a uma família de *ksatriyas* (guerreiros), cuja função é proteger os mais fracos. Quanto à Sua opulência, Ele casou-se com 16.108 rainhas e cada uma delas teve seu próprio palácio. E, como se isso não bastasse, Krsna expandiu-se 16.108 vezes a fim de divertir-se com todas elas. Talvez seja difícil acreditarmos nisso, mas isso encontra-se registrado no *Srimad-Bhāgavatam*, uma escritura reconhecida por todos os grandes sábios da Índia, os quais também reconhecem que Krsna é Deus.

No primeiro verso deste Nono Capítulo, ao utilizar o termo *guhya-tamam*, Srī Krsna dá a entender que está transmitindo o conhecimento mais confidencial a Arjuna. Por que Ele proclama isto a Arjuna? Porque Arjuna é *anasūyu* — não-inveioso. No mundo material, se encontramos alguém superior a nós, ficamos com inveja. Temos inveja, não somente uns dos outros, mas também de Deus. Além disso, quando Krsna diz: "Eu sou o proprietário", não acreditamos nisso. Porém, com Arjuna a coisa é diferente, pois ele ouve

Krsna sem sentir inveja. Arjuna não argumenta com Krsna, senão que concorda com tudo o que Ele diz. Esta é a sua qualificação especial, e é assim que devemos compreender o *Bhagavad-gītā*. Não temos possibilidade de compreender o que é Deus mediante nossas próprias especulações mentais: é necessário que ouçamos e aprendamos a aceitar.

Como Arjuna não é invejoso, Krsna lhe comunica este conhecimento especial. Não se trata de mero conhecimento teórico, mas sim de conhecimento prático (*vijnāna-sahitam*). Não devemos assimilar o conhecimento recebido do *Bhagavad-gītā* de maneira sentimentalista ou fanática. Tal conhecimento é tanto *jñāna* quanto *vijnāna*, sabedoria teórica e conhecimento científico. Para quem se torna bem versado neste conhecimento, a liberação está garantida. A vida neste mundo material é, por natureza, inauspiciosa e miserável. *Moksa* significa liberação, e o que se promete é que, em virtude de ter compreendido este conhecimento, a pessoa libertar-se-á de todas as misérias. Logo, é importante entender o que Krsna diz a respeito deste conhecimento.

*rāja-vidyā rāja-guhyam
pavitram idam uttamam
pratyaksāvagamam dharmyam
susukham kartum avyayam*

"Este conhecimento é o rei da educação, o mais secreto de todos os segredos. É o conhecimento mais puro, e, por proporcionar percepção direta do eu mediante a compreensão prática, é a perfeição da religião. Além de ser duradouro, é posto em prática com muita alegria." (Bg. 9.2)

Segundo o *Bhagavad-gītā*, o conhecimento mais elevado (*rāja-vidyā rāja-guhyam*) é a consciência de Krsna, pois, no *Bhagavad-gītā*, encontramos que o sintoma daquele que tem conhecimento de fato é que ele é rendido a Krsna. Enquanto insistirmos em especular sobre Deus sem nos rendermos a Ele, pode-se concluir que ainda

não teremos alcançado a perfeição do conhecimento. A perfeição do conhecimento é:

*bahünüm janmanām ante
jnānavān mām prapadyate
vāsudevah sarvam iti
sa mahatmā sudurlabhah*

"Depois de muitos nascimentos e mortes, aquele que tem conhecimento de fato rende-se a Mim, sabendo que Eu sou a causa de todas as causas e de tudo o que existe. Uma grande alma assim é muito rara." (Bg. 7.19)

Enquanto não nos rendermos, não poderemos compreender Deus. Talvez tenhamos que nascer muitas vezes até que nos rendamos a Deus, porém, se aceitarmos que Deus é grande, é bem possível que nos rendamos a Ele imediatamente. De um modo geral, contudo, esta não é a nossa posição no mundo material. Somos caracteristicamente invejosos, e por isso pensamos: "Ah! por que deveria eu render-me a Deus? Sou independente. Prefiro agir independentemente." Portanto, a fim de retificar esta idéia falsa, somos obrigados a trabalhar neste mundo material por muitos nascimentos. A este respeito, o nome de Krsna é especialmente significativo. *Krs* significa repetição de nascimentos e *na*, aquele que impede. Só Deus pode impedir que nasçamos repetidas vezes neste mundo. Sem a imotivada misericórdia de Deus, isto não é possível para ninguém.

O assunto do Nono Capítulo é *rāja-vidyā*. *Rāja* significa rei e *vidyā*, conhecimento. Na vida comum, observamos que alguém* é rei de certo assunto, ao passo que outrem é rei de outro assunto. Este conhecimento, contudo, tem soberania sobre todos os demais, e todos os outros conhecimentos são sujeitos ou relativos a ele. A expressão *rāja-guhyam* indica que este conhecimento soberano é muito confidencial, e o termo *pavitram* quer dizer que ele é muito puro. Este

conhecimento é, também, *uttamam*; *ud* significa transcender e *tama*, escuridão. Aquele conhecimento que transcende este mundo e o conhecimento próprio deste mundo chama-se *uttamam*. É o conhecimento da luz, do qual a escuridão está separada. Quem trilhar este caminho de conhecimento poderá perceber pessoalmente o quanto já progrediu no caminho rumo à perfeição (*pratyaksāvagamam dharmyam*). *Susukham kartum* indica que este conhecimento é posto em prática de maneira muito alegre. E *avyayam* indica que este conhecimento é permanente. Talvez trabalhemos neste mundo material em busca de educação ou de riqueza, só que essas coisas não são *avyayam*, pois, tão logo este corpo chegar ao fim, todas as outras coisas também acabarão. A morte dá fim a tudo — nossa educação, nossos diplomas, contas bancárias, família e assim por diante. Nada do que estamos fazendo neste mundo material é eterno. Entretanto, o conhecimento do *Bhagavad-gitã* não é assim.

*nehābhikrama-nāso 'sti
pratyavāyo na vidyate
svalpam apy asya dharmasya
trāyate mahato bhayāt*

"Quem se esforça neste sentido não é um perdedor nem se vê privado de nada, e um pouquinho de avanço que faça neste caminho poderá protegê-lo do maior dos temores." (Bg. 2.40)

O conhecimento em consciência de Krsna é tão perfeito que, se alguém trabalha em consciência de Krsna mas não alcança a perfeição, mesmo assim, em sua próxima vida, continua do ponto onde parou. Em outras palavras, as ações realizadas em consciência de Krsna são duradouras. Por outro lado, as conquistas materiais, por estarem relacionadas ao corpo, são destruídas à hora da morte. O conhecimento relativo a designações corpóreas não perdura. Achamos que somos homens ou mulheres, americanos ou indianos, cristãos ou hindus — todas essas designações são relativas ao corpo,

e assim, quando o corpo acabar, elas também terão fim. Na verdade, somos espírito, e por isso nossas atividades espirituais nos acompanharão aonde quer que formos.

Sri Krsna indica que este rei do conhecimento também é posto em prática alegremente. Pode-se perceber com facilidade que as atividades em consciência de Krsna são executadas alegremente. Cantamos, dançamos, comemos *prasādam* (alimento oferecido a Krsna) e estudamos o *Bhagavad-gitã*. São estes os processos principais. Não há regulamentos rígidos de que tenhamos que nos sentar eretos durante muito tempo ou fazer tantos exercícios ou controlar nossa respiração. Não, o processo é posto em prática de maneira muito fácil e alegre. Todos gostam de dançar, cantar, comer e ouvir a verdade. Este processo é realmente *susukham* — alegre.

No mundo material, são muitas as graduações por que tem que passar o estudante. Certas pessoas jamais conseguem terminar os cursos elementares, ao passo que outras prosseguem até o nível universitário, após o que se esforçam por obterem bacharelado, mestrado, PhD e assim por diante. Mas o que vem a ser este *rāja-vidyā*, o rei da educação, o *summum bonum* do conhecimento? Trata-se da consciência de Krsna. Conhecimento verdadeiro consiste em compreender "quem eu sou". Se não chegarmos ao ponto de compreender quem somos nós, não poderemos obter conhecimento verdadeiro. Quando Sanātana Gosvāmi deixou seu serviço governamental e foi ter com Caitanya Mahāprabhu pela primeira vez, ele perguntou ao Senhor: "Que é educação?" Embora Sanātana Gosvāmi soubesse vários idiomas, incluindo o sânscrito, ele mesmo assim perguntou o que era educação verdadeira. "As pessoas em geral consideram-me muito culto", disse Sanātana Gosvāmi ao Senhor, "e eu sou tão tolo que acabo acreditando nisso."

O Senhor replicou: "Por que não deverias te considerar culto? És muito erudito em sânscrito e em persa."

"Pode ser que sim", disse Sanātana Gosvāmi, "mas eu não sei o que sou." Em seguida, ele disse ao Senhor: "Não desejo sofrer, mas sou

forçado a experimentar estas misérias materiais. Tampouco sei de onde venho nem para onde vou, mas as pessoas consideram-me culto. Quando elas me chamam de grande erudito, sinto-me satisfeito, porém, na verdade, sou tão tolo que não sei o que sou." Na verdade, Sanātana Gosvāmi estava falando em nome de todos nós, pois esta é a situação em que nos encontramos. Mesmo que nos orgulhemos de nossa educação acadêmica, ao sermos questionados, não temos capacidade de dizer o que somos. Todos acreditam que este corpo é o eu, porém, os textos védicos ensinam-nos que somos algo mais. Só poderemos assimilar conhecimento verdadeiro e compreender o que somos de fato depois de entendermos que não somos estes corpos. É a partir de então que o conhecimento começa. Pode-se ainda definir *rāja-vidyā* como agir conforme o conhecimento do que se é. Se não soubermos quem somos nós, como poderemos agir da maneira correta? Se estivermos equivocados quanto à nossa identidade, também ficaremos equivocados quanto a nossas atividades. O simples conhecimento de que não somos estes corpos materiais não é suficiente: devemos agir com a convicção de que somos espirituais. A ação baseada neste conhecimento — ou seja, a atividade espiritual — é o trabalho realizado em consciência de Kṛṣṇa. Talvez não pareça tão fácil obter esta espécie de conhecimento, porém, isto torna-se muito fácil pela misericórdia de Kṛṣṇa e do Senhor Caitanya Mahāprabhu, o qual fez com que este conhecimento se tornasse facilmente disponível através do processo de cantar Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rama, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare.

Caitanya Mahāprabhu categorizava as entidades vivas em duas classes principais: as móveis e as inertes. As árvores, a grama, as plantas, as pedras e outras não se movem por carecerem de consciência suficientemente desenvolvida. Apesar de terem consciência, ela está encoberta. O ser vivo que não compreende sua posição é como uma pedra, mesmo que habite num corpo humano. As entidades vivas — os pássaros, os répteis, os mamíferos, os insetos, os

seres humanos, os semideuses, etc. — compreendem 8.400.000 formas diferentes, entre as quais apenas um número muito reduzido são de seres humanos. O Senhor Caitanya explica, também, que existem 400.000 espécies de seres humanos, entre os quais apenas alguns são civilizados; e, entre muitas pessoas civilizadas, pouquíssimas são devotadas às escrituras.

Hoje em dia, a maioria das pessoas professa ter alguma religião — cristã, hindu, muçulmana, budista, etc. —, mas, de fato, não crêem realmente nas escrituras. Os que crêem nas escrituras são, em geral, apegados a atividades filantrópicas piedosas. Acreditam que religião quer dizer *yajna* (sacrifício), *dāna* (caridade) e *tapas* (penitência). Quem pratica *tapasya* submete-se voluntariamente a regulações muito rígidas, tais como as praticadas por estudantes *brahmacāris* (celibatários) ou *sannyāsis* (membros da ordem renunciada). Caridade significa desfazer-se voluntariamente das posses materiais. Atualmente não se pratica sacrifício, porém, segundo nos informam textos históricos como o *Mahābhārata*, os reis de outrora faziam sacrifícios, distribuindo rubis, ouro e prata. Basicamente, eram os reis que praticavam *yajña*, ao passo que os chefes de família, em escala bem menor, faziam caridade. Aqueles que acreditavam piamente nas escrituras costumavam adotar algum destes princípios. Contudo, nesta era, de um modo geral, as pessoas só fazem dizer que pertencem a uma religião embora não façam nada realmente. Dentre milhões de tais pessoas, um número muito reduzido delas chega realmente a praticar caridade, sacrifício e penitência. Caitanya Mahāprabhu observa, ainda, que, de milhões de pessoas praticantes desses princípios religiosos em todo o universo, poucas são as que alcançam conhecimento perfeito e entendem o que são.

O simples fato de saber: "Eu não sou este corpo mas sim espiritual" não é suficiente. Precisamos escapar do enredamento da natureza material. Esta liberação chama-se *mukti*. Entre muito milhares de pessoas auto-realizadas em termos do que e de quem são, apenas

uma ou duas talvez sejam realmente liberadas. E, entre milhares de pessoas liberadas, talvez uma ou duas apenas compreendam o que e quem é Krsna. Portanto, compreender Krsna não é tarefa muito fácil. Sendo assim, nesta era de Kali, era esta caracterizada pela ignorância e o caos, a liberação está fora do alcance de praticamente todo mundo. A pessoa é obrigada a se submeter a toda a tribulação de tornar-se civilizada, então religiosa, e em seguida ela precisa praticar caridade e sacrifício para atingir a plataforma de conhecimento, e depois a fase de liberação, e, enfim, após a liberação, ela pode compreender o que é Krsna. O *Bhagavad-gTtã* (18.54) também menciona este processo:

*brahma-bhūtaḥ prasannātmā
na socaṭi na kṅksaṭi
samaḥ sarvesu bhūtesu
mad-bhaktim labhate param*

"Quem está assim transcendentalmente situado compreende de imediato o Brahman Supremo. Nunca lamenta nem deseja ter nada; é equânime com toda entidade viva. Nesse estado, ele alcança o serviço devocional puro a Mim."

São estes os sintomas indicativos da liberação. O primeiro sintoma da pessoa liberada é que ela é muito feliz. Nunca vamos vê-la acabrunhada. Tampouco ela tem ansiedade. Nunca vamos vê-la lamentando-se: "Não tenho isto. Ah! preciso conseguir aquilo. Preciso pagar esta conta. Tenho que ir aqui, tenho que ir ali." A pessoa liberada está livre de ansiedades. Mesmo que seja o homem mais pobre do mundo, ela nem se lamenta nem se julga pobre. Por que deveria julgar-se pobre? Quando achamos que somos estes corpos materiais e que portanto precisamos ter posses, isto nos faz crer que somos pobres ou ricos, porém, aquele que é liberado do conceito de vida material nada tem a ver com posses ou falta de posses. "Nada tenho a perder e nada tenho a ganhar", pensa ele.

"Sou totalmente distinto de tudo isso." Tampouco ele encara as demais pessoas como ricas ou pobres, cultas ou incultas, belas ou feias, etc. Ele não se atém às dualidades materiais, pois mantém sua visão plenamente na plataforma espiritual, sabendo que toda entidade viva é parte integrante de Krsna. Assim, encarando todas as entidades vivas segundo sua verdadeira identidade, ele procura trazê-las de novo à consciência de Krsna. Segundo seu ponto de vista, todos — os *brâhmanas* e os *sobras*, os negros e os brancos, os hindus e os cristãos, e assim por diante — devem adotar a consciência de Krsna. Quando alguém está nesta situação, então: *mad-bhaktim labhate parâm* — candidata-se a tornar-se devoto puro de Krsna.

Praticamente falando, não é muito fácil executar este processo nesta era de Kali. O *Srimad-Bhāgavatam* descreve as pessoas desta era: elas vivem muito pouco, tendem a ser neumáticas e lentas, são muito dadas a dormir e, quando não estão dormindo, estão atarefadas ganhando dinheiro. No máximo, dispõem de apenas duas horas por dia para suas práticas espirituais, de modo que não há esperanças de que desenvolvam compreensão espiritual. Afirma-se, também, que, mesmo alguém ansioso por fazer progresso espiritual, deparará com muitas sociedades pseudo-espirituais que tentarão aproveitar-se dele. Outra característica das pessoas desta era é o infortúnio. Elas têm muita dificuldade para satisfazer as necessidades primárias da vida — comer, defender-se, acasalar-se e dormir —, necessidades estas satisfeitas até pelos animais. E, mesmo conseguindo satisfazer essas necessidades, elas vivem preocupadas com a guerra, quer defendendo-se de agressores, quer sendo obrigadas a participar elas mesmas da guerra. E, como se isto não bastasse, sempre surgem doenças estranhas e problemas econômicos em Kali-yuga. Portanto, o Senhor Srī Krsna considerava impossível que as pessoas desta era chegassem à fase perfectiva da liberação seguindo as regras e regulações prescritas.

Logo, por Sua imotivada misericórdia, Srí Krsna veio como o Senhor Caitanya Mahāprabhu e distribuiu o método para se atingir a perfeição máxima da vida e o êxtase espiritual mediante o cantar de Hare Krsna, Hare Krsna, Krsna Krsna, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare. Este processo de cantar é muito prático, e não depende de sermos liberados ou não, ou de nossa condição ser conducente à vida espiritual ou não — quem quer que adote este processo purifica-se de imediato. Portanto, ele chama-se *pavitram*, puro. Além disso, para quem adota este processo de consciência de Krsna, todas as sementes de reações latentes a suas atividades pecaminosas são anuladas. Assim como o fogo reduz a cinzas tudo o que é nele colocado, este processo reduz a cinzas todas as reações pecaminosas de nossas vidas passadas.

É preciso que compreendamos que estamos sofrendo devido a nossas atividades pecaminosas, as quais são consequência de nossa ignorância. Cometem pecados, ou transgressões, aqueles que não sabem o que é o que. Uma criança, por exemplo, é capaz de colocar sua mão no fogo devido à ignorância. Resultado: ela fica queimada, pois o fogo é imparcial e não faz nenhuma concessão especial à criança inocente. Sua função é agir como fogo e pronto. Analogamente, não sabemos como funciona este mundo material, quem o controla nem como ele é controlado, e, graças à nossa ignorância, temos atitudes tolas. A natureza, porém, é tão estrita que não nos permite escapar às reações a nossas ações. Quer ajamos consciente ou inconscientemente, as reações e consequentes sofrimentos virão. Contudo, munidos de conhecimento, poderemos compreender a verdadeira situação, Deus e nossa relação com Ele.

Este conhecimento, mediante o qual podemos libertar-nos do sofrimento, é possível na forma humana de vida, e não na forma animal. Para nos dar conhecimento e orientação adequada, existem escrituras coligidas em diversos idiomas em toda parte do mundo.

O Senhor Caitanya Mahāprabhu frisou que, desde tempos imemoriais, as pessoas estão esquecidas de sua relação com o Senhor Su-

premo; por isso, Krsna tem enviado muitos representantes Seus para transmitir as escrituras ao homem. Devemos tirar proveito delas, especialmente do *Bhagavad-gītā*, que é a escritura primordial para o mundo moderno.

2

O conhecimento que transcende samsāra

Krsna declara especificamente que este processo de consciência de Krsna é *susukham*, muito agradável e fácil de se praticar. De fato, o processo devocional é bastante agradável: cantamos melodiosamente com nossos instrumentos, e, quem nos ouvir, também desejará cantar conosco (*sravanam kirtanam*). Evidentemente, a música deve fazer parte da glorificação ao Senhor Supremo. Ouvir o *Bhagavad-gītā* também faz parte do serviço devocional, só que, além de ouvi-lo, devemos também ansiar por pô-lo em prática na nossa vida. A consciência de Krsna é uma ciência que não deve ser aceita cegamente. São nove os processos de serviço devocional recomendados (ouvir, cantar, lembrar, adorar, orar, servir, ocupar-se como servo do Senhor, estabelecer amizade com o Senhor e oferecer-Lhe tudo). São processos fáceis de serem praticados e que podem ser praticados alegremente.

Naturalmente, se alguém achar que o *Bhagavad-gītā* e o *mantra* Hare Krsna fazem parte do sistema hindu e não quiser aceitá-los por causa disso, poderá, não obstante, freqüentar a igreja cristã e cantar lá. Não há diferença entre este e aquele processo: a idéia é que,

qualquer que seja o processo que adotemos, devemos nos tornar conscientes de Deus. Deus não é nem muçulmano nem hindu nem cristão — Ele é Deus. Tampouco nós devemos ser considerados hindus, muçulmanos ou cristãos. Estas são designações corpóreas. Todos nós somos espírito puro, partes integrantes do Supremo. Deus é *pavitram*, puro, e nós também. De alguma forma, contudo, caímos neste oceano material, ao sabor de cujas ondas sofremos. Na verdade, nada temos a ver com as ondas oscilantes das misérias materiais. Basta que oremos: "Krsna, por favor, tire-me daqui." Tão logo esquecemos Krsna, o oceano da ilusão aparece e em seguida nos engole. Para escaparmos deste oceano, é importante que cantemos Hare Krsna, Hare Krsna, Krsna Krsna, Hare Hare/ Hare Râma, Hare Râma, Râma Râma, Hare Hare: trata-se de som (*sabda*) que não é diferente de Krsna. O som Krsna e o Krsna original são a mesma coisa. Quando cantamos Hare Krsna e dançamos, Krsna também dança conosco. É claro que poderemos argumentar: "Mas eu não O vejo", porém, por que enfatizamos tanto o ver? Por que não ouvir? Ver, saborear, cheirar, tocar e ouvir também são instrumentos para adquirirmos experiência e conhecimento. Por que enfatizamos de maneira tão exclusiva o ato de ver? Um devoto não deseja ver Krsna; ele contenta-se simplesmente com ouvir falar de Krsna. É claro que ele acabará vendo também, mas não se deve considerar o processo de ouvir como menos importante. Há certas coisas que ouvimos mas não vemos — o vento passa soprando por nossos ouvidos, e podemos percebê-lo com a audição, embora não tenhamos possibilidade de vê-lo. Já que ouvir não é uma experiência menos importante nem menos válida do que ver, podemos ouvir Krsna e perceber Sua presença através do som. O próprio Sri Krsna diz: "Não Me encontro em Minha morada, nem no coração do *yogi* meditativo, mas sim onde cantam os Meus devotos puros." Podemos sentir a presença de Krsna conforme vamos avançando.

Não devemos simplesmente pedir coisas a Krsna sem Lhe oferecer nada. Todos vivem tirando algo de Deus. Por que, então, não dar-Lhe algo? Krsna nos proporciona luz, ar, alimento, água e assim por diante. Sem esses recursos fornecidos por Krsna ninguém consegue viver. Por acaso é amor simplesmente continuar tirando, tirando, tirando sem jamais oferecer-Lhe nada em troca? Amor quer dizer dar e receber. Se apenas recebemos de alguém sem lhe dar nada em troca, isto não é amor — é exploração. Não devemos apenas continuar comendo sem jamais oferecer nada a Krsna. No *Bhagavad-gītā* (9.26-27), Krsna diz:

*patram puspam phalam toyam
yo me bhaktyā prayacchati
tad aham bhakty-upahrtam
asnāmi prayatātmanah
yat karosi yad asnāsi
yaj juhosi dadāsi yat
yat tapasyasi kaunteya
tat kurusva mad arpanam*

"Se alguém Me oferecer, com amor e devoção, uma folha, uma flor, frutas ou água, Eu as aceitarei. Ó filho de Kuntí, tudo o que fizeres, tudo o que comeres, tudo o que ofereceres e deres em caridade, bem como todas as austeridades que praticares — debes fazer tudo isso como uma oferenda a Mim."

Além de dar e receber, o praticante de serviço devocional deve submeter a Krsna quaisquer aflições ou problemas íntimos que ele tenha. Ele deve dizer: "Krsna, estou sofrendo desta maneira. Caí neste agitado oceano de ilusão material. Por favor, tire-me daqui. Agora sei que não tenho nenhuma identificação com este mundo material. Simplesmente cá aqui, como se tivesse sido atirado no Oceano Atlântico. Embora não me identifique de forma alguma com

o Oceano Atlântico, estou à mercê da oscilação do oceano. Na verdade, sou uma centelha espiritual, uma parte fragmentária Sua." Infelizmente, tentamos identificar-nos com este oceano e conter suas oscilações. Não devemos perder tempo com essas tentativas, pois é impossível conter as ondas do oceano material, as quais sempre existirão, controladas pela natureza material. Apenas os tolos tentam ajustar-se a este mundo; o verdadeiro problema está em como sair dele. Aqueles que tentam ajustar-se a este mundo e jamais se voltam para Krsna estão sempre sujeitos à transmigração no oceano de nascimentos e mortes.

*asraddadhānāḥ puruṣā
dharmasyāśya parantapa
aprāpya mām nivartante
mrtyu-samsāra-vartmani*

"Quem não tem fé no caminho do serviço devocional não pode alcançar-Me, ó conquistador dos inimigos, senão que volta a nascer e morrer neste mundo material." (Bg. 9.3)

Por definição, religião é aquilo que nos liga a Deus. Se não é capaz de estabelecer nosso vínculo com Deus, não é religião. Religião significa buscar Deus, entender Deus e estabelecer uma relação com Ele.

Isto é religião. Quem se ocupa em serviço devocional age em nome de Krsna, ou Deus, e, como deste modo fica estabelecido um vínculo com Deus, a consciência de Krsna é uma religião.

Não é possível inventar uma religião. A verdadeira religião provém necessariamente de uma fonte autorizada, seja ela Deus ou Seu representante. Religião é o mesmo que lei de Deus. Ninguém pode inventar um código de lei estadual. O código já existe, e foi decretado pelo estado. Talvez alguém crie algumas leis adicionais para sua própria sociedade, mas essas leis precisam ter a sanção da lei do estado. Analogamente, se desejamos estabelecer algum princípio religioso, ele deve ser corroborado pela autoridade védica.

O *Bhagavad-gTtã* também é religião. Grandes autoridades como Rãmãnujãcãrya, Madhvãcãrya, Visnusvãmi, o Senhor Caitanya, Sankarãcãrya e tantos outros aceitam o *Bhagavad-gTtã* como o princípio supremo de religião e Krsna como a Suprema Personalidade de Deus. Não há dúvidas quanto a isto. Também no Ocidente, o *Bhagavad-gTtã* é aceito como um grande livro de filosofia, e muitos intelectuais e filósofos ocidentais têm-no lido e feito comentários sobre ele. A despeito da aceitação por parte de eruditos e *ãcãryas*, há pessoas que não aceitam o *Bhagavad-gTtã* nem têm fé nele. Elas não o aceitam de forma alguma como autoridade, pois acham que se trata de um exagero sentimentalista inventado por um homem chamado Krsna. Portanto, Krsna declara no verso supramencionado que, ao rejeitarem o *Bhagavad-gTtã* como autoridade, as pessoas não podem estabelecer nenhuma relação com Ele, e, por não estarem relacionadas a Ele, permanecem no ciclo de nascimentos e mortes. *Aprãpya mãm nivartante mrtyu-samsãra-vartmani*. O fato de estarmos sujeitos ao *samsãra*, o ciclo de nascimentos e mortes, não garante que necessariamente obteremos uma oportunidade para compreender o *Bhagavad-gTtã* na próxima vida. Talvez não voltemos a nascer como seres humanos, ou nos Estados Unidos, ou na Índia, ou mesmo neste planeta. Não há certeza alguma: vai depender de nosso trabalho. No processo de nascimento e morte, nascemos, vivemos por algum tempo, desfrutando ou sofrendo, depois outra vez abandonamos este corpo e entramos no ventre de outra mãe, seja ela um ser humano ou um animal, quando nos preparamos para adquirir outro corpo, com o qual sairemos do ventre materno e retomaremos nosso trabalho. Isto chama-se *mrtyu-samsãra-vartmani*. Quem quiser evitar este caminho deverá adotar a consciência de Krsna.

Quando perguntaram a Yudhisthira Mahãrãja: "Que lhe parece mais espantoso neste mundo?" ele respondeu: "A coisa mais impressionante é que todo dia, a cada instante, alguém está morrendo, e, mesmo assim, ninguém acredita que vai morrer." A cada minuto, a

cada segundo, ouvimos falar de entidades vivas que foram para o templo da morte. Homens, insetos, animais, pássaros, todos vão para lá. Por isso, este mundo chama-se *mrtyuloka* — o planeta da morte. Os funerais sucedem-se dia após dia, basta dar-mo-nos ao incômodo de visitar os cemitérios e os crematórios. Todavia, todos continuam pensando: "Hei de sobreviver de alguma forma." Apesar de estarmos todos sujeitos à lei da morte, não a levamos a sério. Isto é ilusão. Achando que viveremos para sempre, continuamos fazendo o que bem entendemos, sentindo que jamais nos responsabilizarão por isso. Esta espécie de vida é muito arriscada, e constitui a forma mais profunda de ilusão. Devemos ser muito sérios e compreender que a morte está nos esperando. Sempre ouvimos a expressão: "tão certo como a morte." Isto quer dizer que, neste mundo, a morte é inevitável. Quando a morte chegar nossa filosofia orgulhosa e nossos diplomas não nos ajudarão. Nesse momento, nosso corpo forte e musculoso e nossa inteligência — que não ligam para nada — são destruídos. Nesse momento, a porção fragmentária (*jivātmā*) fica sob o controle da natureza material (*prakṛti*), a qual nos fornece o tipo de corpo que merecemos. Se quisermos encarar este risco, podemos evitar Kṛṣṇa; caso contrário, Kṛṣṇa virá ajudar-nos.

3

Conhecimento das energias de Kṛṣṇa

Observe-se aqui que o Nono Capítulo do *Bhagavad-gītā* destina-se especialmente àqueles que já aceitaram Sri Kṛṣṇa como a Suprema

Personalidade de Deus. Em outras palavras, é um capítulo para devotos. Para quem não aceita Sri Krsna como o Supremo, este Nono Capítulo parecerá algo diferente do que é de fato. Como se afirmou a princípio, o assunto do Nono Capítulo é a parte mais confidencial de todo o *Bhagavad-gitã*. Quem não aceita Krsna como o Supremo achará que o capítulo não passa de um exagero. Isto aplica-se especialmente aos versos que descrevem a relação de Krsna com Sua criação.

*mayã tatam idam sarvam
jagad avyakta-murtinã
mat-sthãni sarva-bhütãni
na câham tesv avasthitah*

"Sob Minha forma imanifesta, permeio todo este universo. Todos os seres estão em Mim, mas Eu não estou neles." (Bg. 9.4)

O mundo que vemos também é energia de Krsna, Sua *mãyã*. Neste caso, *mayã* quer dizer "por Mim", como quem diz: "Este trabalho foi feito por mim." Este "por Mim" não quer dizer que Ele conclui Sua obra e vai embora ou Se aposenta. Se eu inauguro uma grande fábrica e digo: "Fui eu quem inaugurou esta fábrica", não se deve de forma alguma concluir que eu me perdi ou que não estou mais presente. Mesmo que o fabricante refira-se a seus produtos como tendo sido "fabricados por mim", isto não quer dizer que ele próprio criou ou construiu seus produtos, mas que eles foram produzidos por sua energia. Analogamente, se Krsna diz: "Tudo o que vês no mundo foi criado por Mim", não devemos supor que Ele deixou de existir.

Não é difícil ver Deus em toda parte da criação, pois Ele está presente em toda parte. Assim como na fábrica Ford os trabalhadores vêem o Sr. Ford em cada canto, quem é bem versado na ciência de Krsna pode vê-lo em cada átomo da criação. Tudo repousa em Krsna (*mat-sthãni sarva bhütãni*), mas Krsna não está em tudo (*na câham tesv avasthitah*). Krsna não é diferente de Sua energia, porém,

a energia não é Krsna. O sol não é diferente do brilho do sol, mas o brilho do sol não é o sol. Pode ser que o brilho do sol penetre nossa janela e entre em nosso quarto, mas isto não quer dizer que o sol está em nosso quarto. O *Visnu Purãna* afirma: *parasya brahmanah saktih*. *Parasya* significa supremo, *brahmanah* significa Verdade Absoluta e *saktih*, energia. A energia do Absoluto Supremo é tudo, porém, Krsna não Se encontra nesta energia.

Existem duas classes de energia — a material e a espiritual. As *jivas*, ou almas individuais, pertencem à energia superior de Krsna, porém, por sua propensão a sentirem-se atraídas pela energia material, elas são chamadas de energia marginal. Contudo, na verdade, existem apenas duas energias. Todos os sistemas planetários e universos apóiam-se nas energias de Krsna. Assim como todos os planetas no sistema solar apóiam-se no brilho do sol, tudo o que existe na criação apóia-se no brilho de Krsna. O devoto sente prazer ao ouvir sobre todas essas potências do Senhor, ao passo que quem tem inveja de Krsna rejeita-as. Para o não-devoto, as afirmações de Krsna soam como um grande blefe. Por outro lado, o devoto pensa: "Oh! meu Senhor é tão poderoso", e enche-se de amor e adoração. Segundo pensam os não-devotos, porque Krsna diz: "Eu sou Deus", eles e qualquer outra pessoa podem dizer a mesma coisa. Mas, se lhes pedirmos para revelarem sua forma universal, eles não conseguirão fazê-lo. Isto mostra a diferença entre um pseudo-deus e o Deus verdadeiro. Ninguém pode imitar os passatempos de Krsna. Krsna teve 16.000 esposas e manteve-as com todo o conforto em 16.000 palácios, mas, o homem comum não consegue fazer isso nem sequer com uma única esposa. Além de ter falado muitas coisas maravilhosas, Krsna também agiu maravilhosamente. Não devemos acreditar em algo que Krsna tenha dito ou feito e rejeitar outra coisa: se acreditamos nEle, devemos acreditar em tudo o que se relacione a Ele.

A este respeito, conta-se uma história de Nārada Muni, o qual foi certa vez questionado por um *brāhmaṇa*: "Ah! fiquei sabendo que

estás indo ao encontro do Senhor e gostaria que Lhe perguntasses quando é que obterei minha salvação."

"Está bem", concordou Nārada.. "Assim o farei."

Mais adiante, Nārada encontrou um sapateiro sentado sob uma árvore a remendar sapatos, e este sapateiro fez o mesmo pedido a Nārada: "Fiquei sabendo que estás indo ao encontro do Senhor. Por favor, pergunta-Lhe quando chegará o dia de minha salvação."

Já nos planetas Vaikuntha, Nārada Muni, conforme havia prometido, perguntou a Nārāyana (Deus) a respeito da salvação do *brāhmana* e do sapateiro, ao que Nārāyana replicou: "Logo após abandonar o corpo, o sapateiro vira a Mim."

"E o *brāhmana*?" perguntou Nārada.

"Este terá que permanecer lá por mais uns tantos nascimentos. Não sei quando poderá vir."

Nārada Muni ficou admirado e, por fim, disse: "Não consigo compreender este mistério."

"Logo compreenderás", disse Nārāyana. "Quando eles te perguntarem sobre o que ando fazendo em Minha morada, dize-lhes que estou passando um elefante pelo orifício de uma agulha."

Quando Nārada regressou à Terra, ele foi ter com o *brāhmana*, que lhe perguntou: "E então? Estiveste com o Senhor? Que estava fazendo?"

"Ele estava passando um elefante pelo orifício de uma agulha", respondeu Nārada.

"Não acredito em semelhante disparate", replicou o *brāhmana*. Nārada pôde imediatamente compreender que aquele homem não tinha fé e que não passava de um erudito insípido.

A seguir, Nārada foi ter com o sapateiro, que lhe perguntou: "Ah! estiveste com o Senhor? Dize-me, então, que Ele estava fazendo!"

"Estava passando um elefante pelo orifício de uma agulha", respondeu Nārada.

O sapateiro pôs-se a chorar: "Oh! meu Senhor é tão maravilhoso!. Ele pode fazer qualquer coisa."

"Acreditas realmente que o Senhor possa passar um elefante pelo orifício de uma agulha?" perguntou-lhe Nārada.

"E por que não?" disse o sapateiro, "é claro que acredito." "Como!?"

"Bem, como vês, estou sentado debaixo desta figueira-de-bengala", respondeu o sapateiro, "e podes perceber que dela caem muitos frutos diariamente. Pois bem, em cada semente de cada um desses frutos existe uma figueira-de-bengala como esta. Se dentro de uma pequena semente pode caber uma árvore enorme como esta, é difícil acreditar que o Senhor esteja passando um elefante pelo orifício de uma agulha?"

Isto é o que chamamos de fé. Não se trata de acreditar cegamente. Há uma razão para se ter a crença. Se Kṛṣṇa é capaz de colocar uma árvore enorme dentro de tantas sementinhas, acaso é tão espantoso que Ele esteja mantendo todos os sistemas planetários flutuando no espaço por intermédio de Sua energia?

Embora os cientistas achem que os planetas estão suspensos no espaço simplesmente graças à natureza, por trás da natureza está o Senhor Supremo. A natureza age sob Sua orientação. Como declara Sri Kṛṣṇa:

*mayādhyaksena prakṛtiḥ
sūyate sa-carācaram
hetunānena kaunteya
jagad viparivartate*

"Esta natureza material funciona conforme Minha orientação, ó filho de Kuntī, e produz todos os seres móveis e inertes. Por intermédio de seu controle, esta manifestação é criada e aniquilada repetidas vezes." (Bg. 9.10)

Mayādhyaksena significa "sob Minha supervisão". A natureza material não consegue fazer tantos prodígios se não tem a mão do Senhor orientando-a. Não podemos dar nenhum exemplo de coisas materiais que funcionem por si mesmas. A matéria é inerte, e ela

não tem como agir se não é impulsionada pelo espírito. A matéria não pode agir independente ou automaticamente. Talvez os mecanismos das máquinas sejam muito interessantes, porém, a menos que algum homem as acione, elas não-podem funcionar. E este homem, que é? Ele é uma centelha espiritual. Sem o estímulo espiritual, nada pode mover-se; portanto, tudo apóia-se na energia impessoal de Krsna. Embora Sua energia seja impessoal, Krsna é uma pessoa. Costumamos ter notícia de pessoas que fazem prodígios; todavia, a despeito de suas conquistas energéticas, elas continuam sendo pessoas. Se isto é possível para seres humanos, por que não o seria para o Senhor Supremo? Todos nós somos pessoas, só que dependemos de Krsna, a Pessoa Suprema.

Muitas vezes vemos gravuras de Atlas, um homem musculoso que carrega um grande planeta sobre os ombros e se esforça muito para mantê-lo suspenso. Talvez pensemos que, pelo fato de Krsna estar mantendo o universo, Ele está fazendo o mesmo esforço que Atlas. Mas não é bem assim.

*na ca mat-sthāni bhūtāni
pasya me yogam aisvaram
bhūta-bhrn na ca bhūta-stho
mamātmā bhūta-bhāvanah*

"E, mesmo assim, nada do que é criado repousa em Mim. Vê só a Minha opulência mística. Embora Eu seja o mantenedor de todas as entidades vivas e embora Eu esteja em toda parte, mesmo assim, Meu Eu é a própria fonte da criação." (Bg. 9.5)

Embora todos os seres no universo se apoiem na energia de Krsna, mesmo assim, eles não estão nEle. Krsna mantém todas as entidades vivas e Sua energia é onipenetrante; todavia, Ele está em outra parte. Este é o inconcebível poder místico de Krsna. Ele está em toda parte, todavia, mantém-Se à parte de tudo. Mesmo podendo perceber Sua energia, não podemos vê-IO, pois nossos olhos materiais não têm essa capacidade. Porém, quando desenvolvemos

nossas qualidades espirituais, santificamos nossos sentidos de maneira que, mesmo dentro desta energia, possamos vê-IO. A eletricidade, por exemplo, está em toda parte, e um eletricitista sabe como utilizá-la. Analogamente, a energia do Senhor Supremo está em toda parte, e, ao situarmo-nos na transcendência, podemos ver Deus, face a face, em toda parte. Essa espiritualização dos sentidos é possível através do serviço devocional e do amor a Deus. O Senhor é onipenetrante em todo o universo e encontra-Se dentro da alma, do coração, da água, do ar — em toda parte. Assim, se fazemos uma imagem de Deus com algum elemento — argila, pedra, madeira ou o que for —, não devemos considerá-la uma simples estátua. Essa imagem também é Deus. Se tivermos devoção suficiente, a imagem também falará conosco. Deus está em toda parte impessoalmente (*mayā tatam idam sarvam*), porém, se fizermos Sua forma pessoal com algum elemento, ou se criarmos uma imagem de Deus dentro de nós mesmos, Ele estará presente em pessoa diante de nós. Os *sāstras* recomendam oito espécies de imagens, sendo que qualquer uma dessas imagens pode ser adorada porque Deus está em toda parte. Talvez alguém proteste e questione: "Por que deveríamos adorar Deus através de imagem em vez de adorá-IO sob Sua forma espiritual original?" A resposta é que não podemos ver Deus imediatamente sob Sua forma espiritual. Nossos olhos materiais só nos permitem ver pedras, argila, madeira, — algo tangível. Por isso, Krsna aparece como *arcā-vigraha*, uma forma autorizada apresentada pelo Senhor Supremo a fim de que possamos vê-IO. Resultado: se nos concentrarmos na imagem e Lhe fizermos oferendas com amor e devoção, Krsna corresponderá por intermédio da imagem.

Muitos exemplos provam que isto já aconteceu. Na Índia, existe um templo chamado Sāksi-Gopāla (Krsna também é conhecido como Gopāla). A *mūrti* ou estátua de Gopāla encontrava-Se certa vez num templo de Vrndāvana. Dois *brāhmanas*, um idoso e um jovem, foram visitar Vrndāvana em peregrinação. A viagem foi longa, e naquela

época não havia ferrovias, de modo que os viajantes passavam por muitas dificuldades. O homem idoso ficou muito agradecido ao jovem por este tê-lo ajudado durante a viagem e, ao chegar a Vrndāvana, ele disse a seu acompanhante: "Meu caro rapaz, prestaste-me muito serviço e não sei como agradecer-te por isto. Eu gostaria muito de poder retribuir-te por esse serviço, dando-te alguma recompensa."

"Meu caro senhor", disse o rapaz, "és um homem idoso como meu pai. Portanto, é meu dever servir-te. Não preciso ser recompensado por isto."

"Não, estou-te agradecido e sinto que devo recompensar-te", insistiu o velho. Então, prometeu dar sua jovem filha em casamento ao rapaz.

O velho era muito rico, ao passo que o rapaz, apesar de ser um *brāhma*na erudito, era muito pobre. Levando isto em consideração, o rapaz disse: "Não faças esta promessa, pois tua família jamais concordará com isso. Eu sou um homem tão pobre e tu és um aristocrata; logo, este matrimônio não ocorrerá. Por favor, não faças esta promessa perante a Deidade."

Os dois conversavam no templo, perante a Deidade de Gopāla Kṛṣṇa, e o rapaz não queria ofender a Deidade. Contudo, a despeito das súplicas do rapaz, o velho insistia em manter a promessa do casamento. Após permanecerem em Vrndāvana por algum tempo, eles finalmente regressaram ao lar, e o velho informou a seu filho mais velho que sua jovem irmã casar-se-ia com o *brāhma*na pobre. O filho mais velho ficou muito irritado. "Mas como foste escolher aquele pobretão para casar-se com minha irmã? Assim não pode ser!"

A esposa do velho também veio falar com ele: "Se casares nossa filha com esse rapaz, cometerei suicídio."

Assim, o velho ficou perplexo. Passado algum tempo, o jovem *brāhma*na ficou muito preocupado. "Ele prometeu casar sua filha comigo, e foi uma promessa perante a Deidade. Por que será que

ainda não veio cumpri-la?" Resolveu, então, ir falar com o velho e lembrá-lo de sua promessa.

"Fizeste uma promessa perante o Senhor Krsna", disse o rapaz, "e ainda não a cumpreste. Que está acontecendo?"

O velho ficou calado. Começou a orar a Krsna, pois estava confuso. Para não criar um distúrbio na família, não queria mais casar sua filha com o rapaz. Nisso, apareceu o filho mais velho, que começou a acusar o jovem *brâhmana*: "Tu roubaste meu pai no lugar de peregrinação. Tu o embriagaste e tiraste-lhe todo o dinheiro, e agora ainda vens dizer que ele prometeu dar-te minha irmã caçula em casamento. Patife!"

Dessa maneira, formou-se uma grande confusão, e começou a aparecer gente para ver o que havia. O rapaz percebeu que o velho não retrocedera em sua decisão mas que a família estava dificultando as coisas. As pessoas começaram a juntar-se no local por causa da discussão provocada pelo filho mais velho, e o jovem *brâhmana* passou a exclamar que o velho fizera aquela promessa perante a Deidade mas que ele não queria cumpri-la devido à objeção da família. O filho mais velho, que era ateu, interrompeu o rapaz e disse: "Tu dizes que o Senhor foi testemunha disso. Pois bem, se Ele vier e der testemunho dessa promessa, dar-te-emos nossa irmã em casamento."

O rapaz replicou: "Sim, pedirei que Krsna venha dar Seu testemunho." Ele estava confiante de que Deus viria. Então, foi feito um acordo perante todos os presentes, de que a moça lhe seria dada em casamento se Krsna viesse de Vrndāvana como testemunha da promessa do velho.

O jovem *brâhmana* regressou a Vrndāvana, onde começou a orar a Gopāla Krsna. "Querido Senhor, precisas vir comigo." Ele era um devoto tão resoluto que falava com Krsna assim como alguém falaria com um amigo. Para ele, Gopāla não era apenas uma estátua ou uma imagem, mas sim o próprio Deus. De repente, a Deidade falou-lhe:

"Como achas que poderei acompanhar-te? Eu sou uma estátua. Não posso ir a parte alguma."

"Bem, se uma estátua pode falar, pode também caminhar", replicou o rapaz.

"Está bem, então", disse finalmente a Deidade. "Irei contigo, mas com uma condição. Não deverás de forma alguma virar-te para olhar-Me. Eu te acompanharei, e saberás disso pelo tilintar dos sinos de Meus tornozelos."

O rapaz concordou, e dessa maneira ambos saíram de Vrndāvana em direção à outra cidade. Quase no final da viagem, bem pertinho da entrada da aldeia do rapaz, ele deixou de ouvir o som dos sinos e se apavorou. "Oh! onde está Krsna?" Não conseguindo se conter mais, virou-se para trás. Então, viu a estátua parada, bem atrás dele. Por ter olhado para trás, ela não iria prosseguir. Ele correu imediatamente para a cidade, onde pediu que todos viessem ver Krsna, a testemunha. Todos ficaram espantados ao verem que uma estátua tão grande percorrera toda aquela distância, e assim construíram um templo no local em honra à Deidade, e até hoje adoram Sāksi-Gopāla, o Senhor-testemunha.

Portanto, devemos concluir que, como está em toda parte, Deus também está em Sua estátua, na imagem feita à semelhança dEle. Se Krsna está em toda parte, como até os impersonalistas admitem, por que, então, não estará em Sua imagem? Agora, se a imagem ou estátua vai falar ou não conosco, isto dependerá do grau de nossa devoção. Mas se preferirmos ver a imagem como uma mera escultura de madeira ou pedra, Krsna sempre permanecerá como madeira ou pedra para nós. Krsna está em toda parte, porém, conforme avançarmos em consciência espiritual, passaremos a vê-lo como Ele é. Ao colocarmos uma carta na caixa de correio, ela chegará a seu destino porque a caixa de correio é autorizada. De forma semelhante, se adorarmos uma imagem autorizada de Deus, nossa fé surtirá algum efeito. Se nos dispusermos a observar as diversas regras e regulações — quer dizer, se nos qualificarmos —,

ser-nos-á possível ver Deus em qualquer lugar. Devido à presença de Seu devoto, Krsna, mediante Suas energias onipresentes, manifestar-Sé-á em qualquer lugar, porém, na ausência de Seu devoto, Ele não fará isto. Muitos incidentes ilustram este fato. Prahlāda Mahārāja viu Krsna numa pilastra. Existem muitos outros exemplos de que Krsna está em toda parte: basta termo-nos qualificado para vê-IO. O próprio Krsna dá o seguinte exemplo de Sua onipresença:

*yathākāsa-sthito nityam
vāyuh sarvatra-go mahān
tathā sarvāṇi bhūtāni
mat-sthānty upadhāraya*

"Assim como o vento poderoso, soprando em todas as direções, sempre repousa no espaço etéreo, fica sabendo que, da mesma maneira, todos os seres repousam em Mim." (Bg. 9.6)

Todos sabem que o vento sopra no espaço, bem como em todos os cantos da Terra. Não há lugar onde não haja ar nem vento. Se queremos evitar o ar, temos que criar um vácuo artificialmente, com a ajuda de uma máquina. Assim como o ar sopra em todos os cantos do espaço, da mesma forma, tudo existe dentro de Krsna. Se é assim, para onde vai a criação material ao dissolver-se?

*sarva-bhūtāni kaunteya
prakṛtim yānti māmikāṁ
kalpa-ksaye punas tāni
kalpādaḥ visṛjāmy aham*

"Ó filho de Kuntí, ao final do milênio, toda a manifestação material imerge em Minha natureza, e, no começo do outro milênio, por intermédio de Minha potência, Eu crio outra vez." (Bg. 9.7)

Krsna aciona Sua natureza (*prakṛti*) assim como alguém dá corda em um relógio, e, quando a natureza se dissolve, ela imerge no Senhor. A criação espiritual, contudo, não é assim, pois é permanente. Na

criação material tudo é temporário. Assim como nossos corpos desenvolvem-se devido à centelha espiritual que existe dentro deles, de modo semelhante, toda a criação material surge, desenvolve-se e desaparece devido ao espírito do Senhor que está dentro dela. Assim como nosso espírito está presente dentro do corpo, o Senhor está presente dentro do universo como Paramātmã. Devido à presença de Kṣīrodakasāyī Viṣṇu é que existe a criação material, tanto como nossos corpos existem devido à nossa presença. Às vezes, Kṛṣṇa manifesta a criação material e, às vezes, não. De qualquer modo, a existência da criação deve-se à presença de Kṛṣṇa.

4

Conhecimento por meio dos mahātmãs, grandes almas

A presença de Kṛṣṇa em todos os aspectos da criação é percebida pelos *mahātmãs*, as grandes almas, que estão sempre adorando Kṛṣṇa. Conforme declara o próprio Kṛṣṇa, essas grandes almas são versadas no conhecimento confidencial encontrado no Nono Capítulo do *Bhagavad-gītā*, e sabem que Kṛṣṇa é a fonte de todas as coisas.

*mahātmānas tu mām pāṁtha
daivim prakṛtim āsritāḥ
bhajanty ananya-manaso
jñātvā bhūtādim avyayam*

"Ó filho de Prthã, aqueles que não se iludem, as grandes almas, vivem sob a proteção da natureza divina. Eles se dedicam plenamente ao serviço devocional porque sabem que Eu sou a Suprema Personalidade de Deus, original e inexaurível." (Bg. 9.13)

A grande alma não tem dúvida de que Krsna é a Suprema Personalidade de Deus e a origem de todas as emanções. Como afirma o *Vedânta-sûtra*, *athûto brahma-jijnâsâ*: a vida humana é feita para indagarmos acerca de Brahman. Hoje em dia, dedicamo-nos a estudar coisas fúteis e temporárias. Brahman quer dizer o maior, porém, ao invés de nos interessarmos pelo maior, temos perdido nosso tempo, procurando resolver problemas, também comuns ao reino animal, como comer, dormir, defender-se e acasalar-se. Esses pequenos problemas são resolvidos naturalmente. Mesmo os animais desfrutam de acasalar-se, dormir, comer e defender-se. A própria natureza lhes proporciona isto. Essas exigências do corpo não chegam a ser problemas de verdade, mas nós as transformamos em problemas.

O *Vedânta-sûtra* orienta-nos a que não nos preocupemos com esses problemas, pois eles são resolvidos em qualquer forma de vida. Nosso problema é indagar acerca da fonte de todas essas manifestações. A forma de vida humana não se destina à árdua luta para resolver os problemas materiais que mesmo um porco, comedor de excremento, pode resolver. O porco é considerado o mais baixo dos animais, todavia, ele tem recursos para comer, acasalar-se, dormir e defender-se. Mesmo que não lutemos por essas coisas, nós as conseguiremos. O homem destina-se, antes, a descobrir a fonte da qual provêm todas essas coisas. O *Vedânta-sûtra* afirma que Brahman é a fonte de onde tudo emana (*janmâdy asya yatah*). Filósofos, cientistas, *yogis*, *jriânis* e transcendentalistas, todos estão tentando descobrir a fonte última de tudo. Esta fonte é revelada no *Brahma-samhitâ* como *sarva-kârana-kâranam*: Krsna é a causa de todas as causas.

Compreendendo que Krsna é a fonte primordial de tudo, como agem as grandes almas? O próprio Krsna caracteriza-as como segue:

*satatam kirtayanto mām
yatantas ca drdha-vratāḥ
namasyantas ca mām bhaktyā
nitya-yuktā upāsate*

"Sempre cantando Minhas glórias, esforçando-se com muita determinação, prostrando-se ante Mim, essas grandes almas perpetuamente adoram-Me com devoção." (Bg. 9.14)

Esta glorificação é o processo de *bhakti-yoga*, o cantar de Hare Krsna. As grandes almas, compreendendo a natureza de Deus, Seu advento e Sua missão, glorificam-nO de muitas maneiras, porém, existem pessoas que não O aceitam. Krsna também faz menção delas no Nono Capítulo:

*avajānanti mām mūdhā
mānusim tanum āsritam
param bhāvam ajānanto
mama bhūta-mahesvaram*

"Os tolos zombam de Mim quando advenho sob a forma humana. Eles ignoram Minha natureza transcendental e Meu domínio supremo sobre tudo o que existe." (Bg. 9.11)

Os *mūdhas*, ou homens tolos, que são inferiores aos animais, zombam dEle. Qualquer pessoa que não acredite em Deus deve ser, ou um louco, ou o tolo número um. Não há por que não acreditar em Deus, e tudo nos leva a acreditar nEle. Talvez alguém diga não acreditar em Deus, mas quem lhe deu o poder para dizer isto? Esta faculdade de falar cessa à hora da morte — mas que pessoa a está proporcionando? Acaso a faculdade de falar surgiu de uma pedra? Assim que a Autoridade Suprema retira a capacidade de falar, o corpo fica como se fosse uma pedra. A própria capacidade de falar prova que existe um Poder Supremo que nos está fornecendo tudo.

Uma pessoa consciente de Krsna sabe que não tem controle sobre as coisas que possui. Se não cremos em Deus, pelo menos precisamos admitir a existência de um poder superior a nós, que nos controla a cada passo, e chamar esse poder de Deus, ou de natureza, ou do que quisermos. Em suma, nenhum ser humano sensato pode negar que existe um poder controlando o universo.

Quando Krsna esteve presente na Terra, parecia um ser humano dotado de poderes sobrenaturais. Naquela época, contudo, noventa e nove por cento das pessoas não O reconheceram como Deus. E não o fizeram porque lhes faltava a visão adequada (*param bhāvam ajānantah*). Como é possível reconhecer Deus? Mediante poderes sobrenaturais, por meio da evidência das escrituras e por intermédio do veredito das autoridades. Quanto a Krsna, todas as autoridades védicas aceitam-no como Deus. Quando de Sua presença na Terra, as atividades por Ele executadas foram sobrenaturais. Se alguém não acreditar nisto, deve-se concluir que não acreditará em nenhuma evidência que se possa dar.

Se queremos ver Deus, devemos também ter a visão adequada. Já que não podemos ver Deus com nossos sentidos materiais, o processo de *bhakti-yoga* é o processo purificador dos sentidos e que nos permite, portanto, compreender a posição e a personalidade de Deus. Temos capacidade de ver, ouvir, tocar, saborear e assim por diante, todavia, mantendo esses sentidos embotados, não nos é possível compreender Deus. O processo de consciência de Krsna consiste em treinar esses sentidos por intermédio de princípios regulados especificamente por meio do cantar de Hare Krsna.

Sri Krsna apresenta outras características dos *mūḍhas*:

moghāsā mogha-karmāno
mogha-jñāñ vicetasah
rāksasīm āsurīm caiva
prakṛtim mohinīm sritāh

"Essas_pessoas confusas sentem-se atraídas por pontos de vista ateís-tas e demoníacos. Iludidas a este ponto, vêem frustrar-se suas esperanças de liberação, suas atividades fruitivas e seu cultivo de conhecimento." (Bg. 9.12)

A palavra *moghāsa* indica que as aspirações dos ateístas serão frustradas. Os *karmīs*, ou trabalhadores fruitivos, vivem na esperança de conseguirem algo melhor para o gozo de seus sentidos. Suas aspirações praticamente não têm limites. Eles procuram aumentar o saldo bancário e esperam ser felizes algum dia, só que esse dia nunca chega, porque a busca deles é insaciável. Aqueles que se deixam seduzir pelas atrações da energia ilusória não podem compreender a meta última da vida. A expressão *mogha-karmānah* mostra que, apesar de se esforçarem tanto, no final eles só terão frustrações. A menos que nós estabeleçamos em consciência de Kṛṣṇa, todas as nossas atividades acabarão por nos frustrar.

Não é um homem comum quem diz isto, mas sim o próprio Śrī Kṛṣṇa. Se nossa intenção é adquirir conhecimento, devemos pesquisar para ver se Kṛṣṇa é ou não é Deus. De que adiantam milhares de anos de especulação sem objetivo algum? O Senhor Supremo é tão vasto que não se pode abrangê-LO através da especulação mental. Se viajarmos à velocidade da mente e do vento por milhões de anos, não nos será possível alcançar o Supremo mediante a especulação. Não há registro de sequer uma pessoa que tivesse alcançado a Suprema Verdade Absoluta por meio de sua própria especulação mental. Portanto, a expressão *mogha-jñānāḥ* indica que o processo de conhecimento mundano só faz confundir-nos. Por intermédio de nosso próprio esforço, não temos condição de ver o sol depois que ele se põe. Somos obrigados a esperar até que o sol se revele ao nascer da manhã. Se não temos condição de, com nossos sentidos limitados, perceber algo material como o sol, como poderemos perceber o que não é material? Não podemos descobrir ou entender Kṛṣṇa por meio de nosso próprio esforço.

Precisamos qualificar-nos por intermédio da consciência de Krsna e esperar que Ele Se revele a nós.

*tesām satata-yuktānām
bhajatām priti-pūrvakam
dadāmi buddhi-yogam tam
yena mām upayānti te*

"Àqueles que se dedicam constantemente a Mim e Me adoram com amor, Eu dou a compreensão mediante a qual eles podem vir a Mim." (Bg. 10.10)

Embora Krsna esteja dentro de nós, devido ao nosso condicionamento material, não percebemos isso. Aqueles cuja natureza é hostil e demoníaca (*rāksasīm āsurīm*) acham que esta vida material é tudo e que o objetivo da vida humana é tirar tanto prazer da matéria quanto possível. Eles espremem a natureza material, mas vivem sendo frustrados. Não é espremendo a natureza material que descobriremos o verdadeiro prazer. Caso queiramos o verdadeiro prazer, devemos adotar a consciência de Krsna. No mundo material, toda felicidade tem seu começo e seu fim, mas, em consciência de Krsna, a felicidade é ilimitada e sem fim. Se quisermos obter esta felicidade, simplesmente precisamos sacrificar um pouco de nosso tempo e cantar Hare Krsna. Em outras eras, grandes sábios e semideuses costumavam sacrificar suas vidas inteiras para compreenderem o Supremo, e nem sempre tinham sucesso. Para esta era, Caitanya Mahāprabhu recomenda um processo fácil de compreensão de Deus. A única coisa necessária é ouvir atentamente. Devemos ouvir o *Bhagavad-gītā* e devemos cantar os nomes de Krsna, ouvindo-os com atenção. Não devemos ser orgulhosos, pensando falsamente que temos muito conhecimento ou que somos muito eruditos. Precisamos apenas ser bem educados e submissos para ouvir as mensagens de Krsna.

Atualmente, este mundo é administrado pelos *râksasas*. Os *râksasas* são canibais comedores de seus próprios filhos para a satisfação de seus sentidos. Grandes regimes têm sido criados para prejudicar tantas pessoas em benefício da satisfação dos sentidos dos *râksasas*, mas eles não percebem que seus sentidos jamais ficarão satisfeitos desta maneira. Não obstante, os *râksasas* estão dispostos a sacrificar tudo se é para satisfazer seus desejos caprichosos. Eles têm muita dificuldade de compreender o que está acontecendo de fato porque estão muito fascinados pela civilização material. Então, quem poderá compreender? Os *mahâtmãs*, cujos corações se abriram para a transcendência, entendem que "tudo pertence a Deus, e eu também pertenço a Deus."

Semelhantes *mahâtmãs* não estão sob o controle da natureza material (*mahâtmãnas tu mām pārtha daivīm prakrtim āsritūh*). Deus é grande e o coração do *mahâtmã* também torna-se grande servindo ao grande. *Mahâtmã* não é o carimbo de um líder político. Não são votos que fazem de alguém um *mahâtmã*. O *Bhagavad-gitã* estabelece o padrão do *mahâtmã*: *mahâtmã* é aquele que se refugiou na energia superior do Senhor. Evidentemente, todas as energias são dEle, e Ele não faz distinções entre a energia espiritual e a energia material. Porém, no caso da alma condicionada, situada marginalmente entre a energia material e a energia espiritual, faz-se uma distinção. Os *mahâtmãs* percebem esta distinção e, por isso, refugiam-se na energia espiritual (*daivīm prakrtim*).

Servindo ao grande, os *mahâtmãs* também tornam-se grandes, identificando-se com a energia superior: "Eu sou Brahman — espírito" (*aham brahmāsmi*). Isto não quer dizer que eles ficam orgulhosos e passam a achar que são Deus. Pelo contrário, quem se torna Brahman deve demonstrar suas atividades em Brahman. O espírito é ativo, logo, tornar-se Brahman não significa tornar-se inativo. Brahman é espírito, e esses corpos materiais só são ativos por terem Brahman dentro deles. Se somos ativos a despeito de nosso contato com a natureza material, por acaso deixamos de ser ativos quando

nos purificamos das contaminações materiais e nos estabelecemos em nossa identidade como Brahman puro? Compreender "Eu sou Brahman" significa ocupar-se em atividades espirituais, pois somos espírito, e nossas atividades manifestam-se, mesmo que estejamos contaminados pela matéria. Tornar-se Brahman não significa desintegrar-se, mas sim estabelecermo-nos na natureza superior, o que significa ocuparmo-nos nas atividades superiores da energia superior. Tornar-se Brahman significa ocupar-se completamente em prestar serviço devocional ao Senhor. Deste modo, o *mahātmā* compreende que, se tiver que prestar serviço, que este seja prestado a Krsna, e a ninguém mais. Por tanto tempo servimos a nossos sentidos

Não temos condição de parar de servir, pois fomos feitos para servir. Existe alguém que não está servindo? Se perguntarmos ao Presidente: "A quem o senhor está servindo?" ele nos dirá que está servindo à nação. Ninguém fica sem servir. Não podemos parar de servir, mas precisamos reorientar nosso serviço, trocando a ilusão pela realidade. Fazendo isto, viramos *mahātmās*.

O processo de *kīrtana* (*kīrtayantah*), de sempre cantar as glórias do Senhor, é o começo do processo do *mahātmā*. O Senhor Caitanya Mahāprabhu simplificou este processo ao apresentar à humanidade o cantar de Hare Krsna, Hare Krsna, Krsna Krsna, Hare Hare/ Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare. Existem nove processos diferentes de serviço devocional, dos quais *sravanam kīrtanam*, ouvir e cantar, são os mais importantes. Na verdade, *kīrtanam* significa "descrever". Podemos fazer descrição musical, verbal, visual, etc. *Sravanam* acompanha *kīrtanam*, pois, sem ouvir nada podemos descrever. Não é necessária nenhuma qualificação material para se alcançar o Supremo. Basta ouvirmos de fontes autorizadas e repetir rigorosamente o que ouvimos.

Outrora, o estudante ouvia os *Vedas* recitados pelo mestre espiritual, e em virtude disso os *Vedas* tornaram-se conhecidos como *śruti*, "aquilo que se ouve". No *Bhagavad-gītā*, por exemplo, Arjuna ouve

Krsna no campo de batalha. Ele não está estudando a filosofia *Vedânta*. Podemos ouvir as palavras da Autoridade Suprema em qualquer lugar, mesmo num campo de batalha. Conhecimento, recebe-se-o, não é inventado. Certas pessoas pensam: "Por que deveria eu dar-Lhe ouvidos? Posso pensar sozinho. Posso inventar algo novo." Este, porém, não é o processo védico de conhecimento descendente. Mediante o conhecimento ascendente, a pessoa tenta elevar-se por seu próprio esforço. Através do conhecimento descendente, contudo, recebemos o conhecimento de uma fonte superior. Na tradição védica, o mestre espiritual encarrega-se de transmitir conhecimento ao discípulo, tal como ocorre no *Bhagavad-gTtã* (*evam paramparā-prāptam imam rājarsayo viduh*). A audição submissa tem tanto poder que, pelo simples fato de ouvirmos de fontes autorizadas, aperfeiçoamo-nos inteiramente. Sendo submissos, conscientizamos-nos de nossas próprias imperfeições. Em nosso estado condicionado, estamos sujeitos a quatro classes de imperfeições: fatalmente cometemos erros, ficamos iludidos temos sentidos imperfeitos e enganamos. Portanto, é uma futilidade tentarmos compreender a Verdade Absoluta com nossos sentidos deficientes e nossa experiência limitada. Precisamos ouvir de um representante de Krsna que seja devoto de Krsna. Krsna fez de Arjuna um representante Seu porque Arjuna era Seu devoto: *bhaktō 'si me sakhā ceti*. (Bg. 4.3)

Ninguém pode tornar-se representante de Deus sem ser devoto de Deus. A pessoa que pensa: "Eu sou Deus" não pode representá-IO. Por sermos partes integrantes de Deus, temos as mesmas qualidades que Ele, e por isso, se estudarmos essas qualidades em nós mesmos, acabaremos aprendendo algo sobre Deus. Isto não quer dizer que compreenderemos a quantidade de Deus. Este processo de auto-realização é uma maneira de compreendermos Deus, mas não devemos em hipótese alguma pregar: "Eu sou Deus." Não podemos afirmar ser Deus se não conseguimos revelar os poderes de Deus. Quanto a Krsna, Ele provou ser Deus

demonstrando muitíssimo poder e revelando Sua forma universal a Arjuna. Krsna mostrou esta forma impressionante a fim de desanimar as pessoas que no futuro tencionassem assumir a posição de Deus. Não devemos nos deixar enganar por alguém que afirma ser Deus; seguindo os passos de Arjuna, devemos pedir para ver a forma universal antes de aceitar alguma pessoa como Deus. Só um tolo aceitaria outro tolo como Deus.

Ninguém pode equiparar-se a Deus, e não há ninguém superior a Ele. Mesmo o Senhor Brahmã e Siva, os mais elevados dos semi-deuses, são-Lhe subservientes e prestam-Lhe respeitadas reverências. Em vez de tentarmos virar Deus através deste ou daquele processo de meditação, é melhor que ouçamos submissamente sobre Deus e tentemos compreender tanto Ele quanto nossa relação com Ele. Nem o representante de Deus nem a encarnação de Deus jamais afirmam ser Deus, mas sim servos de Deus. Esta é a característica do representante fidedigno.

Podemos descrever tudo o que aprendemos a respeito de Deus da parte de fontes autorizadas, e isso ajudar-nos-á a avançar no caminho espiritual. Esta descrição chama-se *kirtana*. Ao tentarmos repetir o que ouvimos, estabelecemo-nos em conhecimento. Praticando o processo de *sravanam kirtanam*, ouvir e cantar, podemos livrar-nos do condicionamento material e atingir o reino de Deus. Na era atual, é impossível praticar sacrifício, especulação ou .yoga. O único caminho aberto para nós é o de ouvir submissamente de fontes autorizadas. Foi assim que os *mahātmās* receberam o conhecimento mais confidencial. Arjuna também recebeu-o de Krsna desta maneira, e a nós recomenda-se o mesmo processo, o de receber conhecimento a partir da sucessão discipular proveniente de Arjuna.

Paramparã: conhecimento através da sucessão discipular

srí bhagavãn uvãca

*imam vivasvate yogam
proktavãn aham avyayam
vivasvãn manave prãha
manur iksvãkave 'bravit*

"O bem-aventurado Senhor disse: Ensinei esta imperecível ciência da *yoga* ao deus do Sol, Vivasvãn, e este ensinou-a a Manu, o pai da humanidade, que, por sua vez, ensinou-a a Iksvãku." (Bg. 4.1)

Há muitos anos, Krsna transmitiu o conhecimento divino do *Bhagavad-gítã* a Vivasvãn, o deus do Sol. Pelo que costumam nos dizer, o sol é um lugar muito quente, e não consideramos que seja possível alguém viver lá. Nem sequer é possível chegar bem perto do sol com os corpos que temos. Contudo, os textos védicos explicam que o sol é um planeta tanto quanto o nosso o é, mas que tudo lá é composto de fogo. Assim como o elemento predominante neste planeta é a terra, há outros planetas onde os elementos predominantes são o fogo, a água e o ar.

As entidades vivas desses diversos planetas adquirem corpos compostos de elementos compatíveis com o elemento predominante no planeta; logo, os seres que vivem no sol têm corpos compostos de fogo. De todos os habitantes do sol, a personalidade principal é um deus chamado Vivasvãn. Ele é conhecido como o deus do sol (*sūrya-nārāyana*). Assim como em cada país há um chefe de estado, todos os planetas também são presididos por suas respectivas personalidades principais. O texto histórico chamado *Mahābhārata* relata que outrora, neste planeta, governava um único rei, chamado Mahārāja

Bharata. Ele governou há cerca de 5.000 anos, e o planeta recebeu um nome em homenagem a ele (Bhāratavarsa). Mais recentemente, a Terra foi dividida em muitos países diferentes. Dessa maneira, cada planeta do universo tem um controlador e, às vezes, muitos controladores.

Este primeiro verso do Quarto Capítulo do *Bhagavad-gitã* ensina-nos que, milhões de anos atrás, Srí Krsna transmitiu o conhecimento de *karma-yoga* a Vivasvân, o deus do Sol. Sri Krsna, agora transmitindo os ensinamentos do *Bhagavad-gitã* a Arjuna, indica neste verso que os mesmos ensinamentos, longe de serem algo novo, foram apresentados muitos anos atrás num planeta diferente. Vivasvân, por sua vez, repetiu esses ensinamentos para seu filho, Manu. Manu transmitiu o conhecimento novamente a seu discípulo Ikṣvāku. Mahārāja Ikṣvāku foi um grande rei e antepassado do Senhor Rāma-candra. O que se está tentando dizer aqui é que, se quisermos aprender o *Bhagavad-gitã* e tirar benefício deste aprendizado, deveremos adotar o processo para compreendê-lo, processo este descrito aqui. Ao falar o *Bhagavad-gitã* para Arjuna, Krsna não o está fazendo pela primeira vez. As autoridades védicas calculam que o Senhor, há aproximadamente quatrocentos milhões de anos, transmitiu essas instruções divinas a Vivasvân. O *Mahābhārata* dá a entender que o *Bhagavad-gitã* foi transmitido a Arjuna há aproximadamente 5.000 anos. Antes de Arjuna, os mesmos ensinamentos foram transmitidos através da sucessão discipular, só que, passado um período tão longo, os ensinamentos ficaram perdidos.

*evam paramparā-prāptam
imam rājarsayo viduh
sa kāleneha mahatā
yogo nastah parantapa*

*sa evāyam mayā te 'dya
yogah proktah purāṇanah*

*bhakto 'si me sakhā ceti
rahasyam hy etad uttamam*

"Esta ciência suprema foi assim recebida através da corrente de sucessão discipular, e os reis santos compreenderam-na deste modo. Porém, no transcorrer do tempo, a sucessão rompeu-se, e por isso a ciência como ela é parece estar perdida. Agora, transmito-te esta antiquíssima ciência da relação com o Supremo porque és Meu devoto bem como Meu amigo; logo, podes compreender o mistério transcendental desta ciência." (Bg. 4.2-3)

O *Bhagavad-gītā* trata de diversos sistemas de *yoga* — *bhakti-yoga*, *karma-yoga*, *jhāna-yoga*, *hatha-yoga* — e por isso aqui fala-se de *yoga*. A palavra *yoga* significa "vincular-se", e a idéia é que, praticando *yoga*, vinculamos nossa consciência com Deus. Trata-se de um método de reunirmo-nos com Deus, ou de restabelecermos nossa relação com Ele. No transcurso do tempo, esta *yoga* transmitida por Sri Kṛṣṇa ficou perdida. Como isto foi possível? Por acaso não havia sábios eruditos na época em que Kṛṣṇa teve Seu diálogo com Arjuna? Não, muitos sábios estavam presentes na época. "Perdido" neste contexto quer dizer que o significado do *Bhagavad-gītā* estava perdido. Talvez os intelectuais apresentem sua própria interpretação do *Bhagavad-gītā*, analisando-o para favorecer seus próprios caprichos, mas isto não é o *Bhagavad-gītā*. É isto o que Kṛṣṇa está enfatizando, e o estudante do *Bhagavad-gītā* deve atentar para isto. Talvez alguém seja um ótimo intelectual do ponto de vista material, porém, isto não o qualifica para comentar o *Bhagavad-gītā*. Caso queiramos compreender o *Bhagavad-gītā*, precisamos aceitar o princípio da sucessão discipular (*paramparā*). É necessário que assimilamos o espírito do *Bhagavad-gītā*, ao invés de abordá-lo simplesmente do ponto de vista da erudição.

Por que, de todas as pessoas, Sri Kṛṣṇa escolheu Arjuna como receptáculo deste conhecimento? Arjuna não era de forma alguma um grande erudito, nem era *yogī*, meditador ou homem santo. Ele

era um guerreiro prestes a participar de uma batalha. Havia muitos grandes sábios vivendo na época, e Sri Krsna poderia ter transmitido o *Bhagavad-gTtã* a eles. A resposta é que, apesar de ser um homem comum, Arjuna tinha uma grande qualificação: *bhakto 'si me sakhã ceti* — "És meu devoto e Meu amigo." Esta era a qualificação excepcional de Arjuna, uma qualificação que os sábios não tinham. Arjuna sabia que Krsna era a Suprema Personalidade de Deus, motivo pelo qual rendeu-se a Ele, aceitando-O como seu mestre espiritual. Quem não é devoto do Senhor Krsna não tem possibilidade de compreender o *Bhagavad-gTtã*. Quem quiser compreender o *Bhagavad-gTtã* não poderá fazê-lo com o auxílio de outros métodos.

Deve-se compreender o *Bhagavad-gítã* conforme o método prescrito no próprio *Gítã*, exatamente como Arjuna compreendeu-o. Se desejarmos entender o *Bhagavad-gítã* ao nosso próprio modo, ou se desejarmos dar-lhe nossa própria interpretação, talvez isto demonstre a nossa erudição, mas não será o *Bhagavad-gítã*.

Pode ser que, com nossa erudição, consigamos inventar alguma teoria baseada no *Bhagavad-gítã*, tal como fez Mahãtmã Gandhi ao interpretar o *Bhagavad-gítã* com a intenção de substanciar sua teoria da não-violência. Como é possível provar que o *Bhagavad-gítã* trata da não-violência? O tema central do *Bhagavad-gítã* gira em torno da relutância de Arjuna em lutar e de como Krsna induziu-o a matar seus adversários. De fato, Krsna diz a Arjuna que o resultado da guerra já fora decidido pelo Supremo, que as pessoas reunidas no campo de batalha estavam predestinadas a jamais retornar. Era plano de Krsna que os guerreiros iriam todos morrer, e Krsna deu a Arjuna a oportunidade de receber o mérito pela vitória. Se o *Bhagavad-gítã* proclama que lutar é uma necessidade, como é possível provar que ele defende a não-violência? Tais interpretações são tentativas de distorcer o *Bhagavad-gítã*. Basta o *Gítã* ser interpretado segundo a motivação de algum indivíduo para seu objetivo ficar obscurecido. Afirma-se que não podemos chegar à

conclusão da literatura védica valendo-nos de nossa própria lógica e argumentação. Existem muitas coisas que transcendem a jurisdição de nosso sentido de lógica. Quanto às escrituras, diferentes escrituras descrevem a Verdade Absoluta de maneiras diferentes. Se analisarmos todas elas, ficaremos confusos. Existem, também, muitos filósofos, cada um com sua opinião, e eles vivem se contradizendo. Se não é lendo diversas escrituras, dando argumentos lógicos ou propondo teorias filosóficas que se pode compreender a verdade, como, então, pode-se chegar até ela? O fato é que a sabedoria da Verdade Absoluta é muito confidencial, porém, se seguirmos as autoridades, poderemos entendê-la.

Na Índia, há sucessões discipulares descendentes de Rãmãnujã-cãrya, Madhvãcãrya, Nimbãrka, Visnusvãmí e outros grandes sábios. Os textos védicos são compreendidos por intermédio dos mestres espirituais superiores. Arjuna aprendeu o *Bhagavad-gîtã* com Krsna, e, se desejamos aprendê-lo também, devemos recorrer a Arjuna, e não a qualquer outra fonte. Qualquer conhecimento que tenhamos do *Bhagavad-gîtã* deve coincidir com a maneira como Arjuna o compreendeu. Se compreendermos o *Bhagavad-gîtã* à maneira de Arjuna, então nossa compreensão será correta. Este deve ser o critério para nosso estudo do *Bhagavad-gîtã*. Para realmente recebermos benefício do *Bhagavad-gîtã*, precisamos seguir este princípio. O *Bhagavad-gîtã* não é um livro de conhecimento comum que podemos adquirir em qualquer livraria, ler e recorrer a um dicionário para entendê-lo. Não é bem assim. Se o fosse, Krsna jamais teria dito a Arjuna que a ciência estava perdida.

Não é difícil compreender a necessidade de recorrer à sucessão discipular para se compreender o *Bhagavad-gîtã*. Quem quer ser advogado, engenheiro ou médico precisa receber conhecimento dos advogados, engenheiros e médicos autorizados. O advogado iniciante precisa tornar-se aprendiz de um advogado experiente, ou, no caso de um jovem estudante de medicina, é preciso que ele passe a conviver e a trabalhar com aqueles que já são médicos licenciados.

Não podemos aperfeiçoar o conhecimento que temos de um assunto sem que o recebamos por intermédio de fontes autorizadas.

Existem dois processos de adquirir conhecimento — o indutivo e o dedutivo. O método dedutivo é considerado o mais perfeito. Considerando, por exemplo, a premissa de que todos os homens são mortais, não é necessário discutir para ver se o homem é mortal mesmo. Em geral, aceita-se que tal premissa é um fato. A conclusão dedutiva é: "O Sr. Paulo é um homem, logo, o Sr. Paulo é mortal." Mas como se chega à premissa de que todos os homens são mortais? Os adeptos do método indutivo preferem chegar a esta premissa por meio de experimentos e observações. Deste modo, estuda-se que este homem morreu e aquele homem também, etc, e, após observar-se que tantos homens morreram, conclui-se ou generaliza-se que todos os homens são mortais; só que há um grande defeito neste método indutivo, a saber, que nossa experiência é limitada. Talvez jamais tenhamos visto um homem que não fosse mortal, porém, fazemos nosso julgamento com base em nossa experiência pessoal, que é finita. Nossos sentidos têm poder limitado e temos muitas deficiências em nosso estado condicionado. Conseqüentemente, o processo indutivo nem sempre é perfeito, ao passo que o processo dedutivo, baseado numa fonte de conhecimento perfeito, é perfeito. Assim funciona o processo védico.

Apesar de a autoridade ser reconhecida, existem muitas passagens do *Bhagavad-gitã* que parecem ser dogmáticas. No Sétimo Capítulo por exemplo, Sri Krsna diz:

*mattah parataram nānyat
kiñcid asti dhanañjaya
mayi sarvam idam protam
sūtre mani-gaṇā iva*

"Ó conquistador de riquezas (Arjuna), não existe verdade superior a Mim. Tudo repousa em Mim, assim como as pérolas são ensartadas num cordão." (Bg. 7.7)

Sri Krsna está dizendo que não existe autoridade superior a Ele, o que parece ser muito dogmático. Se eu digo: "Ninguém é superior a mim", as pessoas pensarão: "Oh! Svāmījī é muito orgulhoso." Se um homem que está condicionado por tantas imperfeições diz que é o maior de todos, ele é blasfemo. Mas Krsna pode dizer isto, pois, segundo registros históricos de quando Ele esteve na Terra, podemos compreender que Ele foi considerado a maior personalidade de Sua época. De fato, Ele Se sobressaiu em todos os campos de atividade.

Segundo o sistema védico, considera-se perfeito aquele conhecimento que é recebido da maior autoridade. De acordo com os *Vedas*, existem três classes de evidência: *pratyaksa*, *anumāna* e *sabda*. *Pratyaksa* quer dizer percepção visual direta. Se há alguém sentado à minha frente, posso vê-lo diretamente, e é por meio dos olhos que recebo conhecimento de que ele está sentado ali. O segundo método, *anumāna*, é auditivo: ouvindo o barulho de crianças brincando na rua, chegamos à conclusão de que elas estão lá. O terceiro método, *sabda*, consiste em aceitar as verdades apresentadas por uma autoridade superior. Aceitamos da parte de autoridades superiores a premissa de que o homem é mortal. Todos aceitam isto, mas ninguém tem experiência da mortalidade de todos os homens. Temos que aceitar isto por tradição. Se alguém disser: "Quem foi o primeiro a descobrir esta verdade?" será muito difícil responder. Só poderemos dizer que se trata de um conhecimento popular e que o aceitamos. Dos três métodos de adquirir conhecimento, os *Vedas* afirmam que o terceiro método, aquele através do qual recebemos conhecimento de autoridades superiores, é o mais perfeito. A percepção direta é sempre imperfeita, especialmente na fase de vida condicionada. A percepção direta faz-nos ver o sol como se fosse um disco, do tamanho do prato em que comemos. Contudo, os

cientistas esclarecem-nos que o sol é muitos milhares de vezes maior do que a Terra. Que devemos aceitar, então? A proclamação científica, a proclamação das autoridades, ou nossa própria experiência? Embora nós mesmos não possamos provar quão grande é o sol, aceitamos o veredito dos astrônomos. Dessa maneira, aceitamos as declarações de autoridades em todos os campos de nossas atividades. Os jornais e o rádio informam-nos, também, o que está acontecendo na China, na Índia e em outros cantos do planeta. Não temos experiência direta desses eventos, tampouco sabemos se tais eventos estão ocorrendo de fato, porém, aceitamos a autoridade do rádio e dos jornais. Se queremos obter conhecimento, nossa única escolha é acreditar nas autoridades. E se a autoridade for perfeita nosso conhecimento será perfeito.

Segundo as fontes védicas, Krsna é a maior e mais perfeita de todas as autoridades (*mattah parataram nānyat kiñcid asti dhanañjaya*). Não é só Krsna que proclama ser a autoridade máxima — isto também é aceito por grandes sábios e eruditos no *Bhagavad-gītā*. Se não aceitarmos Krsna como autoridade e não aceitarmos literalmente as Suas palavras, não poderemos obter nenhum benefício do *Bhagavad-gītā*. Isso não é dogmático — é a pura verdade. Se analisarmos minuciosamente o que Krsna diz, descobriremos que é a verdade. Mesmo eruditos como Sankarācārya, cujas opiniões são diferentes das opiniões da Personalidade de Deus, admitem que Krsna é *svayam bhagavān* — Krsna é o Senhor Supremo.

O conhecimento védico não é uma descoberta recente. Trata-se de antigo conhecimento revelado. Krsna refere-se a ele como *purāṇatanah*, que quer dizer antigo. Krsna diz ter transmitido esta *yoga* ao deus do Sol milhões de anos atrás, e não sabemos quantos milhões de anos antes disso Ele transmitiu-o a outra pessoa. Este conhecimento vive sendo repetido, assim como o verão, o outono, o inverno e a primavera se repetem a cada ano. Nosso fundo de conhecimento é muito pobre; nem sequer conhecemos a história deste planeta se remontamos a mais de cinco mil anos. Porém, os textos védicos

contam-nos histórias que remontam a milhões de anos atrás. O fato de não sabermos o que aconteceu há três mil anos neste planeta não justifica que concluamos que então não existia história. É claro que alguém poderá desconfiar da validade histórica de Krsna. Talvez diga que Krsna, segundo o *Mahābhārata*, viveu há cinco mil anos, e, neste caso, não é possível que Ele tivesse transmitido o *Bhagavad-gītā* ao deus do Sol tantos milhões de anos antes. Se eu dissesse que dei uma palestra sobre o sol ao deus do Sol alguns milhões de anos atrás, as pessoas diriam: "Svāmlī está falando disparates." Mas o mesmo não se aplica a Krsna, pois Ele é a Suprema Personalidade de Deus. Se acreditamos que Krsna falou o *Bhagavad-gītā* ao deus do Sol ou não, de qualquer modo Arjuna aceita este fato. Arjuna aceitou Krsna como o Senhor Supremo, e por isso sabia que era bem possível que Krsna tivesse falado com alguém milhões de anos antes. Apesar de pessoalmente aceitar as declarações de Srī Krsna, a fim de esclarecer a situação para pessoas no futuro, Arjuna pergunta:

*aparam bhavato janma
param janma vivasvatah
katham etad vijñātyām
tvam ādau proktavān iti*

"Vivasvān, o deus do Sol, nasceu antes de Ti. Como posso compreender que no princípio Tu lhe ensinaste esta ciência?" (Bg. 4.4) Na verdade, esta é uma pergunta, muito inteligente, à qual Krsna responde do seguinte modo:

*bahūni me vyatītūni
janmāni tava cārjuna
tāny aham veda sarvāni
na tvam vettha parantapa*

"Tanto Eu quanto tu já passamos por muitíssimos nascimentos. Eu posso lembrar-Me de todos eles, mas tu não o podes, ó subjugador do inimigo!" (Bg. 4.5)

Apesar de ser Deus, Krsna encarna muitíssimas vezes. Sendo uma entidade viva, Arjuna também nasce muitíssimas vezes. A diferença entre a Suprema Personalidade de Deus e a entidade viva está em *tāny aham veda sarvāni*: Krsna lembra-Se dos eventos de Suas encarnações passadas, ao passo que a entidade viva não o pode. Esta é uma das diferenças entre Deus e o homem. Deus é eterno e nós também o somos, mas a diferença está em que vivemos mudando de corpos. À hora da morte esquecemo-nos dos eventos de nossa vida; morte significa esquecimento, isto é tudo. À noite, ao dormirmos, esquecemos que somos casados e que temos este e aquele filho. Ficamos esquecidos quando adormecemos, porém, ao acordarmos, lembramos: "Ah! sou fulano de tal e preciso fazer isto e aquilo." O fato é que, em nossas vidas anteriores, tivemos outros corpos com outras famílias, pais, mães e assim por diante em outros países, mas esquecemo-nos de tudo isso. Talvez tenhamos sido cães ou gatos ou homens ou deuses — mas agora estamos esquecidos de tudo o que possamos ter sido.

A despeito de todas essas transformações, como entidades vivas, somos eternos. Assim como em vidas anteriores nos preparamos para obter este corpo, nesta vida estamos nos preparando para obter outro corpo. O corpo que receberemos dependerá de nosso *karma*, ou atividades. Quem estiver no modo da bondade será promovido a planetas superiores, a um status de vida superior (Bg. 14.14). A pessoa que morrer no modo da paixão permanecerá na Terra, e quem morrer no modo da ignorância talvez nasça em espécies de vida animal ou seja transferido a um planeta inferior (Bg. 14.15). Este é o processo que vem transcorrendo, mas nós nos esquecemos dele.

Certa feita, Indra, o rei dos céus, cometeu uma ofensa aos pés de seu mestre espiritual, o qual amaldiçoou-o a que nascesse como porco.

Assim, o trono do reino celestial ficou vazio enquanto Indra nascia na Terra como porco. Vendo a situação, Brahmâ veio à Terra conversar com o porco: "Meu caro senhor, viraste um porco neste planeta Terra. Eu vim para salvar-te. Vem logo comigo." Mas o porco replicou: "Oh! não posso ir contigo. Tenho muitas responsabilidades — meus filhos, esposa e esta agradável sociedade suína." Mesmo tendo Brahmâ prometido que o levaria de volta aos céus, Indra, sob a forma de porco, recusou-se a ir. Isto chama-se esquecimento. De modo semelhante, o Senhor Srí Krsna vem e nos diz: "Que estão fazendo neste mundo material? *Sarva-dharmān parityajya mām ekam sarāyam vraja*. Venham a Mim que Eu os protegerei." Mas nós dizemos: "Não acredito em Vós. Tenho algo mais importante a fazer aqui." Esta é a posição da alma condicionada — ela está esquecida. Este esquecimento esvai-se rapidamente para quem trilha o caminho da sucessão discipular.

6

Conhecimento dos aparecimentos e atividades de Krsna

Existem duas forças da natureza que nos influenciam internamente. Por causa de uma delas, decidimos fazer avanço espiritual nesta vida, porém, no momento seguinte, a outra força, *māyā*, ou energia ilusória, diz: "Por que você está se submetendo a todo este incômodo? Simplesmente goze esta vida e não se esforce tanto." Esta tendência de cair no esquecimento é que faz a distinção entre o homem que Krsna aparece em qualquer planeta, Arjuna também nasce e

aparece ao lado dEle. Quando transmitiu o *Bhagavad-gîtã* ao deus do Sol, Arjuna também estava presente com Ele. Mas, por ser uma entidade viva finita, Arjuna não podia lembrar-se disso. A entidade viva é esquecida por natureza. Nem sequer podemos lembrar o que estávamos fazendo neste exato momento ontem ou uma semana atrás. Se nem disso podemos nos lembrar, como poderemos nos lembrar do que aconteceu em nossas vidas anteriores? Pois bem, se nós não podemos, como é que Krsna pode lembrar-Se dessas coisas? A resposta é que Krsna não muda de corpo.

*ajo 'pi sann avyayâtma
bhütânâm isvaro 'pi san
prakrtim svâm adhisthâya
sambhavâmy âtma-mâyayã*

"Embora Eu seja não-nascido e Meu corpo transcendental nunca se deteriore, e embora Eu seja o Senhor de todos os seres conscientes, mesmo assim, apareço em cada milênio sob Minha forma transcendental original." (Bg. 4.6)

A palavra *âtma-mâyayã* significa que Krsna desce tal como é. Ele não muda de corpo, mas nós, como almas condicionadas, mudamos, motivo pelo qual ficamos esquecidos. Krsna, além de conhecer o passado, o presente e o futuro de Suas atividades, conhece o passado, o presente e o futuro das atividades de todo mundo.

*vedâham samatîtâni
vartamânâni cârjuna
bhavisyâni ca bhütâni
mâm tu veda na kascana*

"Ó Arjuna, como a Suprema Personalidade de Deus, Eu sei de tudo o que aconteceu no passado, de tudo o que acontece no presente e de todas as coisas que ainda estão por vir. Conheço, também, todas as entidades vivas; mas a Mim ninguém Me conhece." (Bg. 7.26)

O *Srīmad-Bhāgavatam* também define o Senhor Supremo como aquele que sabe de tudo. O mesmo não se pode dizer inclusive de entidades vivas elevadíssimas, como Brahmã e Siva. Somente Visnu, ou Krsna, sabe de tudo. A este respeito, pode-se levantar outra questão: se o Senhor não muda de corpo, por que Ele aparece como uma encarnação? Entre os filósofos, há muita divergência a respeito desta pergunta. Alguns dizem que, ao vir aqui, Krsna assume um corpo material, mas isto não é verdade. Se Ele assumisse um corpo material como o nosso, não poderia lembrar-Se de tudo, pois o esquecimento é decorrência do corpo material. A verdadeira conclusão é que Ele não muda de corpo. Deus é chamado de todo-poderoso, e o verso supramencionado explica Sua onipotência. Krsna não nasce e é eterno. Do mesmo modo, a entidade viva não nasce e também é eterna. Apenas o corpo, com o qual a entidade viva se identifica, é que nasce.

Bem no começo do *Bhagavad-gītā*, no Segundo Capítulo, Krsna explica que aquilo que aceitamos como nascimento e morte decorre do corpo e que, tão logo recuperamos nosso corpo espiritual e livramo-nos da contaminação de nascimento e morte, voltamos a ser qualitativamente iguais a Krsna. Nisto consiste o processo de consciência de Krsna — a recuperação de nosso original corpo espiritual *sac-cid-ānanda*. Semelhante corpo é eterno (*sat*), pleno de conhecimento (*cit*) e bem-aventurado (*ānanda*). Este corpo material não é nem *saí*, nem *cit* nem *ānanda*. Ele é perecível, ao passo que a pessoa que o ocupa é imperecível. Ele é, também, um antro de ignorância, e, por ser ignorante e temporário, é um antro de misérias. Sentimos muito calor ou muito frio devido ao corpo material, porém, assim que recuperamos nosso corpo espiritual, as dualidades deixam de afetar-nos. Mesmo enquanto vivem dentro de seus corpos materiais, certos *yogis* tornam-se indiferentes a dualidades tais como calor e frio. Conforme começamos a fazer avanço espiritual, apesar de ainda estarmos no corpo material, passamos a assumir as qualidades de um corpo espiritual. Se

introduzimos uma barra de ferro no fogo, ela fica quente, e, em seguida, fica incandescente, até que deixa de ser ferro e passa a ser fogo — tudo em que toca é posto em chamas. À medida que avançarmos em consciência de Krsna, nosso corpo material espiritualizar-se-á e deixará de ser afetado pela contaminação material.

O nascimento de Krsna, Seu aparecimento e desaparecimento são comparados ao aparecimento e desaparecimento do sol. De manhã, parece que o sol nasce no horizonte oriental, mas, na verdade, não é bem assim. O sol não nasce nem se põe: ele é o que é em sua posição. Todos os nascentes e poentes decorrem da rotação da Terra. De modo semelhante, os textos védicos revelam as datas programadas para o aparecimento e desaparecimento de Sri Krsna. O nascimento de Krsna é como o nascer do sol. A cada momento, o sol está nascendo e se pondo; em algum canto do planeta as pessoas estão testemunhando o nascer do sol e o poente. Não é verdade que Krsna nasce em determinado momento e vai embora em outro momento. Ele está sempre em alguma parte, só que parece ir e vir. Krsna aparece e desaparece em muitos universos. Temos experiência apenas deste universo, porém, os textos védicos revelam-nos que este universo é tão-somente uma parte das infinitas manifestações do Senhor Supremo.

Apesar de Krsna ser o Senhor Supremo não-nascido e imutável, Ele aparece sob Sua natureza transcendental original. A palavra *prakṛti* significa "natureza". No Sétimo Capítulo do *Bhagavad-gītā*, afirma-se que existem muitas categorias de natureza, as quais dividem-se em três classes básicas: a natureza externa, a natureza interna e a natureza marginal. A natureza externa é a manifestação deste mundo material, descrita no Sétimo Capítulo do *Gītā* como

apara, ou natureza material. Ao aparecer, Krsna aceita a natureza superior (*prakṛtim svām*), e não a natureza material inferior. Às vezes, acontece de o chefe de estado fazer uma visita ao presídio a fim de inspecionar as instalações e ver os internos, mas os prisioneiros erram ao pensar: "O chefe de estado entrou no presídio; logo, ele é prisioneiro tanto quanto nós o somos." Como se afirmou antes, os tolos zombam de Sri Krsna quando de Seu advento sob a forma humana (Bg. 9.11).

Sendo o Senhor Supremo, Krsna pode vir quando bem entender, e nós não temos direito de objetar e proibi-LO de vir. Ele é plenamente independente, podendo aparecer e desaparecer como Lhe aprouver. Se o chefe de estado vai visitar um presídio, não devemos imaginar que ele foi forçado a fazê-lo. Ao vir, Krsna tem um objetivo, isto é, redimir as caídas almas condicionadas. Nós não amamos Krsna, mas Krsna nos ama. Ele afirma que todos são Seus filhos.

*sarva-yonisu kaunteya
mūrtayah sambhavanti yāh
tāsāṁ brahma mahad yonir
aham bṛTja-pradah pitā*

"Ó filho de Kunti, procura entender que todas as espécies de vida tornam-se possíveis por meio do nascimento nesta natureza material, e que Eu sou o Pai gerador." (Bg. 14.4)

O pai sempre tem afeição pelo filho. Talvez o filho se esqueça do pai, mas o pai não consegue se esquecer do filho. Pelo amor que sente por nós Krsna vem ao universo material a fim de livrar-nos das misérias de nascimento e morte. Ele diz: "Meus queridos filhos, por que estão apodrecendo neste mundo miserável? Venham a Mim que dar-lhes-ei toda a proteção." Nós somos filhos do Supremo, e podemos gozar imensamente a vida, sem ter que sofrer nenhuma miséria e sem ter nenhuma dúvida. Portanto, não devemos pensar que Krsna vem aqui da mesma maneira que nós, sendo forçado pelas leis da natureza. A palavra sânscrita *avatāra* literalmente

significa "aquele que desce". Aquele que desce do universo espiritual ao universo material por sua própria vontade é chamado de *avatāra*. Às vezes, Sri Kṛṣṇa desce em pessoa e, outras vezes, envia Seu representante. As principais religiões do mundo — cristã, hindu, budista e muçulmana — acreditam em alguma autoridade suprema ou personalidade proveniente do reino de Deus. Na religião cristã, Jesus Cristo afirmava ser o filho de Deus e ter vindo do reino de Deus para redimir as almas condicionadas. Como seguidores do Bhagavad-gītā, admitimos que esta declaração é verdadeira. De modo que, basicamente, não há diferença de opinião. Talvez os pormenores sejam diferentes devido a diferenças em cultura, clima e povo, mas o princípio básico permanece o mesmo — ou seja, Deus ou Seus representantes vêm para redimir as almas condicionadas.

*yadā yadā hi dharmasya
glānir bhavati bhārata
abhyutthānam adharmasya
tadātmānam sṛjāmy aham*

"Sempre e onde quer que ocorra a decadência da prática religiosa, ó descendente de Bharata, e o predomínio da irreligião — nesse momento Eu próprio advenho." (Bg. 4.7)

Deus é muito compassivo. Ele deseja ver o fim de nossas misérias, ao passo que nós procuramos nos adaptar a elas. Por sermos partes integrantes do Senhor Supremo, essas misérias nada têm a ver conosco, porém, de alguma forma, temo-las aceitado voluntariamente. Há misérias decorrentes do corpo e da mente, de outras entidades vivas e de catástrofes naturais. Estamos padecendo de todas essas três misérias, ou de pelo menos uma delas. Vivemos tentando solucionar a questão dessas misérias, e esta tentativa é conhecida como luta pela vida. Porém, nosso cérebro minúsculo não consegue solucionar esse problema. Só podemos encontrar a solução ao nos refugiarmos no Senhor Supremo.

Podemos ser felizes, restabelecendo-nos em nossa posição constitucional, e o *Bhagavad-gîtã* destina-se a restabelecer-nos nessa posição. Além disso, Deus e Seu representante vêm ajudar-nos. Como se afirmou antes, eles descem ao mundo material provenientes da natureza superior, não estando sujeitos às leis de nascimento, velhice, doença e morte. Krsna apresenta a Arjuna as seguintes razões para Seu advento no mundo:

*paritrãnãya sãdhũnãm
vinãsãya ca duskrtãm
dharma-sarhsthãpanãrthãya
sambhavãmi yuge yuge*

"A fim de libertar os piedosos e aniquilar os canalhas, bem como para restabelecer os princípios da religião, Eu próprio advenho, milênio após milênio." (Bg. 4.8)

Neste verso, Krsna diz que aparece quando ocorre uma decadência de *dharma*. A palavra sânscrita *dharma* tem sido traduzida para outros idiomas como "fé", porém, fé passou a significar um sistema religioso qualquer, seja ele cristão, hindu, muçulmano, budista, etc. Contudo, a palavra *dharma* não tem esta conotação de fé. A fé de um indivíduo pode passar de hindu para budista, para cristã, para muçulmana, etc. As pessoas costumam aceitar uma fé e rejeitar outra, mas *dharma* não se muda. Por natureza, todo indivíduo presta algum serviço, seja a si mesmo, à sua família, à sua comunidade, à sua nação ou à humanidade em geral. Esta prestação de serviço não pode em nenhuma hipótese ser dissociada da entidade viva, e é nisto que consiste o *dharma* de toda entidade viva. Sem prestar serviço, ninguém pode existir. O mundo gira porque estamos todos prestando e recebendo serviços. Precisamos esquecer as considerações sectárias de cristianismo, maometismo ou hinduísmo e entender que somos entidades vivas cuja posição constitucional é prestar serviço à entidade viva suprema. Atingindo essa fase de compreensão, libertar-nos-emos.

Liberação significa livrar-se de designações temporárias, adquiridas devido ao contato com a natureza material. Liberação nada mais é do que isto. Como temos corpos materiais, assumimos muitas designações: homem, pai, americano, cristão, branco, etc. Devemos abandonar essas designações de uma vez por todas caso queiramos realmente ser livres. Não somos amos em nenhuma circunstância. No momento estamos servindo, mas sob determinadas designações. Servimos à esposa, à família, ao trabalho, a nossos próprios sentidos, a nossos filhos, e, se não temos filhos, passamos a servir nossos cães e gatos. De qualquer modo, necessitamos de servir algo ou alguém. Se não temos esposa e filhos, acabamos arranjando um cão ou um gato a quem possamos servir. Esta é a nossa natureza: existimos para servir. Quando afinal libertamo-nos dessas designações e passamos a prestar transcendental serviço amoroso ao Senhor, alcançamos nosso estado de perfeição. Assim, estabelecemo-nos em nosso verdadeiro *dharma*.

Deste modo, Sn Krsna diz aparecer sempre que surge uma discrepância no *dharma* das entidades vivas, isto é, sempre que as entidades vivas param de prestar serviço ao Supremo. Em outras palavras, o Senhor aparece sempre que a entidade viva se envolve demasiadamente em servir a seus sentidos, havendo, portanto, uma prática excessiva de gozo dos sentidos. Na Índia, por exemplo, quando as pessoas começaram a abusar da matança de animais, o Senhor Buddha veio estabelecer *ahimsã*, não-violência em relação a todos os seres vivos. De modo semelhante, no verso supramencionado, Sri Krsna diz ter vindo a fim de proteger os *sādhus* (*paritrāṇāya sādhū-nām*). Os *sādhus* caracterizam-se por sua tolerância em relação a todos os outros seres vivos. Apesar de todas as inconveniências e perigos, eles procuram transmitir conhecimento verdadeiro às pessoas em geral. O *sādhu* não é amigo de uma sociedade, comunidade ou país em particular — ele é amigo de todos: tanto dos seres humanos quanto dos animais e outras formas inferiores de vida. Em suma, o *sādhu* não é inimigo de

ninguém e tem a mesma amizade por todos. Logo, ele vive em paz. Semelhantes pessoas, tendo sacrificado tudo em nome do Senhor, são-Lhe muito queridas. Embora os *sādhus* não se importem ao serem insultados, Kṛṣṇa não tolera que alguém os insulte. Como se afirma no Nono Capítulo do *Gītā*, Kṛṣṇa é equânime com todos, mas sente inclinação especial por Seus devotos:

*samo 'ham sarva-bhūtesu
na me dvesyo 'sti na priyah
ye bhajanti tu mam bhaktyā
mayi te tesu cāpy aham*

"Não invejo ninguém, nem sou parcial com ninguém. Sou equânime com todos. Mas aquele que, com devoção, presta serviço a Mim vive comigo, e Eu também sou muito amigo dele." (Bg. 9.29)

Apesar da neutralidade de Kṛṣṇa, se alguém está sempre absorto em consciência de Kṛṣṇa, difundindo a mensagem do *Bhagavad-gītā*, Ele Lhe dá proteção especial, Srī Kṛṣṇa promete que Seu devoto jamais fenecerá: *kaunteya pratijñāhi na me bhaktah pranasyati* (Bg. 9.31).

Kṛṣṇa aparece, não apenas para proteger e salvar Seus devotos, como também para destruir os canalhas (*vināsaya ca duskṛtām*). Kṛṣṇa queria incumbir do governo do mundo Arjuna e os cinco Pândavas, que eram os *ksatriyas* e devotos mais piedosos da época, e também queria eliminar o grupo ateu de Duryodhana. E, como se mencionou antes, a terceira razão de Seu advento é estabelecer a verdadeira religião (*dharma-samsthāpanārthāya*). Assim, Kṛṣṇa tem três objetivos ao aparecer: proteger Seus devotos, eliminar os demônios e estabelecer a verdadeira religião da entidade viva. E não é só uma vez que Ele vem, mas sim muitíssimas vezes (*sambhavāmi yuge yuge*), porque este mundo material funciona de tal maneira que, com o transcorrer do tempo, tudo se acomoda e se deteriora novamente.

O mundo é concebido de tal modo que, mesmo que organizemos as coisas muito bem, ele vai se deteriorando aos poucos. Após a primeira guerra mundial foi assinado um armistício, e sucedeu-se um curto período de paz, interrompido logo em seguida pela segunda guerra mundial. E, agora que aquela guerra acabou, estão fazendo preparativos para a terceira guerra mundial. Esta é a função do tempo (*kāla*) no mundo material. Construimos uma linda casa, e, passados cinqüenta anos, ela se deteriora, e, passados cem anos, se deteriora mais ainda. Analogamente, quando o corpo é jovem, as pessoas cuidam bem dele, sempre acariciando-o e beijando-o, porém, quando o corpo envelhece, ninguém liga para ele. Esta é a natureza do mundo material — mesmo que se faça uma ótima adaptação, mais cedo ou mais tarde ele será destruído. Portanto, são necessários ajustes periódicos, e, de era em era, o Senhor Supremo ou Seu representante aparecem para fazer os devidos ajustes rio rumo que a civilização está tomando. Deste modo, Sri Krsna desce aqui muitas vezes para estabelecer ou recuperar muitas religiões diferentes.

7

Conhecimento como fé no guru e rendição a Krsna

No Quarto Capítulo do *Bhagavad-gītā*, Sri Krsna conclui que, de todos os sacrifícios, o melhor é a aquisição de conhecimento.

*sreyān dravyamayād yajnāḥ
jnāna-yajñah parantapa*

*sarvam karmākhilam pārtha
jhāne parisamāpyate*

"Ó castigador do inimigo, o sacrifício de adquirir conhecimento é superior ao sacrifício das posses materiais. Ó filho de Prthã, afinal de contas, o sacrifício dos frutos do trabalho culmina em conhecimento transcendental." (Bg. 4.33)

O conhecimento é o melhor sacrifício porque esta vida condicionada é decorrente da ignorância. Sacrifício, penitência, *yoga* e discussões filosóficas têm por objetivo a aquisição de conhecimento. Existem três fases de conhecimento transcendental, mediante as quais se compreende o aspecto impessoal de Deus (percepção do Brahman), o aspecto localizado de Deus dentro do coração e dentro de cada átomo (percepção do Paramātmã ou Superalma) e o aspecto de Bhagavãn (percepção da Suprema Personalidade de Deus). Porém, o primeiro passo a ser dado, caso se queira adquirir conhecimento, é compreender que "Eu não sou este corpo. Sou alma espiritual, e o objetivo da minha vida é sair deste enredamento material." A idéia é que, ao fazer qualquer sacrifício, a pessoa o faça visando a chegar à fase de conhecimento verdadeiro. No *Bhagavad-gitã*, consta que a perfeição máxima de conhecimento é a rendição a Krsna (*bahünüm janmanām ante jñānavān mām prapadyate* — Bg. 7.19).

É o *jñānavān*, e não o tolo, que se rende a Krsna, e esta é a fase suprema de conhecimento. De modo semelhante, ao final do *Gitã*, Sri Krsna aconselha a Arjuna:

*sarva-dharmām parityajya
mām ekam sarariam vraja
aharh tvām sarva-pāpebhyo
moksaisyāmi mām sucah*

"Abandona todas as espécies de religião e simplesmente rende-te a Mim. Libertar-te-ei de todas as reações pecaminosas. Não temas." (Bg. 18.66)

Esta é a parte mais confidencial do conhecimento. De todos os pontos de vista, se fizermos um estudo analítico dos textos védicos, veremos que a meta última do conhecimento é render-se a Krsna. E que espécie de rendição é recomendada? Rendição com conhecimento pleno — quando atingimos a fase perfectiva, necessariamente entendemos que Vāsudeva, Krsna, é tudo. Confirma-se isto, também, no *Brahma-samhitā* (5.1):

*Isvarah paramah krsnah
sac-cid-ānanda-vigrahaḥ
añadir adir govindah
sarva-kāraṇa-kāraṇam*

"Krsna, que é conhecido como Govinda, é a Divindade Suprema. Seu corpo é eterno, bem-aventurado e espiritual. Ele é a origem de tudo. Como não há origem anterior a Ele, Ele é a causa primordial de todas as causas."

A expressão *sarva-kāraṇa* indica que Krsna é a causa de todas as causas. Se investigássemos nossa árvore genealógica para descobrir o antepassado remoto que nos deu origem, chegaríamos ao Pai Supremo, a Suprema Personalidade de Deus.

Naturalmente, todos querem ver Deus o quanto antes, porém, só poderemos vê-LO após qualificarmo-nos e adquirirmos conhecimento perfeito. É possível ver Deus em pessoa, assim como nos vemos uns aos outros, só que, para isso, exige-se um requisito: consciência de Krsna. A consciência de Krsna começa com *sravanam*, ouvir a respeito de Krsna por intermédio do *Bhagavad-gītā* e outros textos védicos, e *kīrtanam*, repetir o que foi ouvido e glorificar Krsna, cantando Seus nomes. Cantando e ouvindo sobre Krsna, podemos manter contato com Ele, pois Ele é absoluto, não sendo,

portanto, diferente de Seus nomes, qualidades, formas e passatempos. Estando nós em contato com Krsna, Ele nos ajuda a compreendê-LO e, com a luz do conhecimento, afasta a escuridão da ignorância. Krsna encontra-Se dentro de nossos corações, onde age como *guru*. Quando passamos a ouvir tópicos sobre Ele, a poeira que, devido a tantos anos de contaminação material, temos acumulada em nossas mentes vai sendo removida aos poucos. Krsna é amigo de todos, mas nutre amizade especial por Seus devotos. Basta desenvolvermos uma pequena inclinação em relação a Ele para que Ele, de dentro de nossos corações, comece a dar-nos orientações favoráveis, que nos ajudarão a progredir pouco a pouco. Krsna é o primeiro mestre espiritual, mas, quando nosso interesse por Ele aumenta, devemos recorrer a um *sādhu* ou homem santo que aja como o mestre espiritual externo. O próprio Sri Krsna determina isto no Seguinte verso:

*tad viddhi pranipātena
pariprasnena sevayā
upadeksyanti te jñānam
jñāninas tattva-darsīnah*

"Procura aprender a verdade, aproximando-te de um mestre espiritual. Com atitude submissa, faze-lhe perguntas e presta-lhe serviço. A alma auto-realizada pode transmitir-te conhecimento, pois já está em contato com a verdade." (Bg. 4.34)

É necessário que escolhamos uma pessoa a quem possamos nos render. Ninguém gosta de render-se a qualquer pessoa, é claro. Orgulhosos do conhecimento que possamos ter, nossa atitude é: "Ah! Quem terá condição de transmitir conhecimento a *mim!*" Certas pessoas dizem que não é necessário recorrer a um mestre espiritual para se obter compreensão espiritual. Contudo, segundo consta em textos védicos como o *Bhagavad-gītā*, o *Srīmad-Bhāgavatam* e os *Upanisads*, o mestre espiritual é necessário. Mesmo no mundo

material, se alguém deseja aprender música, tem que depender de um músico que o ensine, ou, se alguém deseja ser engenheiro, precisa ingressar numa faculdade especializada e aprender com quem conhece a tecnologia. Tampouco pode alguém tornar-se médico pelo simples fato de adquirir um livro e lê-lo em casa. Ele deve primeiro passar no vestibular de medicina e fazer seu curso, orientado por médicos licenciados. Não é possível aprender assuntos importantes pelo simples método de comprar livros e lê-los em casa. Precisamos de alguém que nos mostre como aplicar o conhecimento referido nos livros. Quanto à ciência de Deus, Sri Krsna, a Suprema Personalidade de Deus em pessoa, aconselha-nos a recorrer a uma pessoa a quem possamos nos render. Isto quer dizer que devemos investigar a pessoa para ver se ela é competente para dar instruções sobre o *Bhagavad-gitã* e outros textos relacionados à compreensão de Deus. Ao procurarmos o mestre espiritual, não devemos ser caprichosos. Para encontrar uma pessoa que tenha conhecimento profundo do assunto, requer-se muita seriedade.

No começo do *Bhagavad-gitã*, Arjuna dialogava com Krsna em nível de amizade, e Krsna questionava o fato de ele, sendo um militar, estar querendo fugir da luta. Porém, ao perceber que meros diálogos amistosos não o ajudariam a solucionar seus problemas, Arjuna rendeu-se a Krsna, dizendo que *sisyaste 'ham sādhi mām tvām prapannam*: "Agora sou Teu discípulo e uma alma rendida a Ti. Por favor, instrui-me." (Bg. 2.7) Este é o processo. Embora não devamos nos render cegamente, devemos ter a capacidade de inquirir com inteligência.

Sem fazer perguntas, não podemos avançar. O estudante que faz perguntas ao professor é, em geral, um estudante inteligente. Em geral, demonstra inteligência a criancinha que vive fazendo perguntas a seu pai. "Que é isso? Que é aquilo?" Mesmo que tenhamos um ótimo mestre espiritual, se não tivermos capacidade de fazer-lhe perguntas, não poderemos avançar. Tampouco

devemos fazer perguntas em tom de desafio. Não se deve pensar: "Agora quero ver que tipo de mestre espiritual ele é. Vou desafiá-lo." Nossas perguntas (*pariprasnena*) devem estar relacionadas com o tema serviço (sevavã). Sem prestar serviço, será futilidade de nossa parte fazer perguntas, logo, antes mesmo de começar a questionar, devemos ter alguma qualificação. Se formos comprar ouro ou jóias sem noção alguma do que sejam essas mercadorias, é bem provável que sejamos enganados. Se nos aproximarmos de um joalheiro, dizendo: "O senhor poderia me mostrar um diamante?" ele perceberá que somos ignorantes. Neste caso, acabaremos pagando qualquer preço por qualquer coisa. Essa espécie de busca não funciona. Em primeiro lugar, precisamos ser um pouco inteligentes, pois, de outro modo, não é possível fazermos progresso espiritual. O preceito inicial do *Vedānta-sūtra* é: *athāto brahma-jijñāsā*. "Este é o momento de indagar acerca do Brahman." Com a palavra *atha* quer-se dizer que a pessoa inteligente, tendo finalmente percebido as frustrações básicas da vida material, é capaz de fazer perguntas relevantes. O *Srimad-Bhāgavatam* afirma que as perguntas feitas ao mestre espiritual devem estar relacionadas a assuntos "além desta escuridão." Por natureza, este mundo material é escuro, sendo iluminado artificialmente pelo fogo. Devemos fazer perguntas sobre os mundos transcendentais, localizados além deste universo. A pessoa desejosa de descobrir os mistérios desses mundos espirituais deve buscar um mestre espiritual; caso contrário, a busca não é necessária. Se queremos estudar o *Bhagavad-gītā* ou o *Vedānta-sūtra* só para melhorar nossa situação material, não é necessário que busquemos um mestre espiritual. Em primeiro lugar, deve-se desenvolver o desejo de indagar acerca do Brahman para então buscar o mestre que tenha visão perfeita da Verdade Absoluta (*jñāninas tattva-darsinah*). Kṛṣṇa é a suprema *tattva*, a Verdade Absoluta. No Sétimo Capítulo do *Bhagavad-gītā*, Sri Kṛṣṇa declara:

manusyānām sahasresu

*kascid yatati siddhaye
yatatām api siddhānārḥ
kascin mām vetti tattvataḥ*

Dentre muitos milhares de homens, talvez um se esforce por alcançar a perfeição. E, entre aqueles que alcançaram a perfeição, é difícil haver um que Me conheça de fato." (Bg. 7.3)

Assim, entre muitos espiritualistas perfeitos, talvez um deles saiba o que Kṛṣṇa é realmente. Conforme indica este verso, o assunto Kṛṣṇa não é nada fácil. Todavia, o *Bhagavad-gītā* também sugere como pode vir a ser fácil.

*bhaktyā mām abhijñāti
yātvān yas cāsmi tattvataḥ
tato mām tattvato jñātvā
visate tad-anahfaram*

"É só praticando serviço devocional que se pode compreender a Personalidade Suprema como Ela é. E quem tem plena consciência do Senhor Supremo em virtude de tal devoção pode ingressar no reino de Deus." (Bg. 18.55)

Aceitando o processo de serviço devocional, podemos compreender Kṛṣṇa com muita facilidade. Praticando-o, temos condição de entender perfeitamente a ciência de Kṛṣṇa e candidatamo-nos a ingressar no reino de Deus. Se, como o *Bhagavad-gītā* diz, após muitos nascimentos, acabaremos tendo que nos render a Kṛṣṇa, por que não nos rendermos a Ele de imediato? Por que esperarmos que transcorram muitíssimos nascimentos? Se a rendição é o ápice da perfeição, por que não aceitarmos a perfeição agora? Evidentemente, a resposta é que, em geral, as pessoas guardam suas dúvidas. É possível alcançar a consciência de Kṛṣṇa em um segundo, mas também há quem não a alcance mesmo depois de milhares de nascimentos e mortes. Dependendo de nossa escolha, podemos nos tornar grandes almas num segundo, rendendo-nos a

Krsna. Porém, por termos dúvidas quanto à supremacia de Krsna, levamos algum tempo até que possamos dissipar essas dúvidas mediante o estudo das escrituras. Estudando o *Bhagavad-gitã* sob a orientação de um mestre espiritual fidedigno, podemos eliminar essas dúvidas e fazer progresso definitivo.

O fogo do conhecimento encarrega-se de reduzir a cinzas todas as dúvidas e atividades frutivas. Sn Krsna dá a seguinte informação a respeito dos resultados de se indagar acerca da verdade de alguém que a tenha visto de fato.

*yaj jnātvā na punar moham
evam yāsyasi pāṇḍāva
yena bhūtany asesāni
drakṣyasi ātmany atho mayi*

*api ced asi pāṇebhyaḥ
sarvebhyaḥ papa- kṛttamah
sarvaṁ jñāna-plavenaiva
vrjinaṁ santarisyasi*

*yathaidhārṣi samiddho 'gnir
bhasmasāt kurute 'rjuna
jñānāgniḥ sarva-karmāṇi
bhasmasāt kurute tathā*

"E ao teres assim aprendido a verdade, saberás que todos os seres vivos são apenas partes de Mim — e que eles estão em Mim e são Meus. Mesmo que sejas considerado o mais pecaminoso dos pecadores, quando tiveres embarcado no navio do conhecimento transcendental, serás capaz de cruzar o oceano das misérias. Assim como o fogo ardente transforma a lenha em cinzas, ó Arjuna, da mesma forma, o fogo do conhecimento reduz a cinzas todas as reações às atividades materiais." (Bg. 4.35-37)

O fogo do conhecimento é aceso pelo mestre espiritual, e, estando aceso, transforma em cinzas todas as reações a nossos trabalhos. As reações a nosso trabalho, ou nosso *karma*, constituem a causa de nosso cativo. Existem trabalhos bons e trabalhos maus, e, neste verso, a expressão *sarva-karmāṇi* se refere a ambos. As reações tanto dos trabalhos bons quanto dos maus prejudicam aquele que deseja libertar-se deste cativo material. Neste mundo material, preferimos realizar bons trabalhos quando estamos situados no modo da bondade. Se estamos nos modos da paixão e da ignorância, entretanto, realizamos maus trabalhos. Por outro lado, aqueles que desejam tornar-se conscientes de Kṛṣṇa não precisam realizar trabalhos bons nem trabalhos maus. O bom trabalho nos pode proporcionar um bom nascimento em família rica ou aristocrática, e o mau trabalho nos pode proporcionar um nascimento inclusive no reino animal ou em famílias humanas degradadas. De qualquer modo, nascimento significa cativo, e a pessoa que trilha o caminho da consciência de Kṛṣṇa está tentando libertar-se do cativo da transmigração. Qual é a vantagem de nascer em família rica ou aristocrática se a pessoa não consegue desvencilhar-se de suas misérias materiais? Quer desfrutemos das reações do bom trabalho, quer padeçamos das reações do mau trabalho, somos obrigados a aceitar corpos materiais, que nos fazem sujeitos às misérias materiais.

Prestando transcendental serviço a Kṛṣṇa, livramo-nos realmente do ciclo de nascimentos e mortes. Mas, por não termos o fogo do conhecimento aceso em nossas mentes, sentimo-nos felizes na existência material. O cão ou o porco não podem perceber a vida miserável que estão levando. Eles acham que estão gozando a vida, e isto se deve à influência encobridora ou enganosa da energia material. No Bowery (bairro boêmio de Nova Iorque), há muitos bêbados deitados nas ruas, mas eles estão pensando: "Isso é que é vida." Aqueles que passam por eles, porém, pensam: "Oh! como são miseráveis." Assim funciona a energia ilusória. Mesmo que esteja-

mos na miséria, sentimo-nos muito felizes. Isto chama-se ignorância. Contudo, ao despertar para o conhecimento, a pessoa pensa: "Ah! isso não é felicidade. Quero liberdade, mas não a tenho. Não quero morrer, mas sou forçado a morrer. Não quero envelhecer, mas a velhice não me perdoa. Não quero adoecer, mas vivo doente." Esses são os principais problemas da existência humana, mas nós os ignoramos, preferindo concentrar-nos em resolver problemas menores. Achamos que o desenvolvimento econômico é a coisa mais importante, esquecendo que não viveremos para sempre neste mundo material. Com ou sem desenvolvimento econômico, nossa vida chegará ao fim mais cedo ou mais tarde. Mesmo que acumulemos muito dinheiro, teremos que deixá-lo para trás ao abandonarmos este corpo. É preciso que compreendamos como, no mundo material, a influência da natureza material frustra tudo o que construímos.

Queremos ser livres — poder viajar ao redor do mundo e ao redor do universo. De fato, temos esse direito como almas espirituais. O *Bhagavad-gitã* define a alma espiritual como *sarva-gatah*, referente à sua capacidade de ir aonde ela quiser. Nos Siddhalokas, há seres ou *yogís* perfeitos com a capacidade de viajar a qualquer parte sem o auxílio de aviões ou quaisquer veículos mecânicos. Basta nos libertarmos do condicionamento material para que nos tornemos muito poderosos. Na realidade, não fazemos idéia do poder que temos como centelhas espirituais. Ao invés disso, sentimo-nos muito satisfeitos com nossa situação aqui na Terra. Orgulhamo-nos de nossas aventuras espaciais, achando que temos feito bastante avanço científico. Gastamos milhões e milhões de dólares construindo naves espaciais, sem saber de nossa capacidade de viajar gratuitamente a qualquer parte que desejemos.

A idéia é que devemos cultivar nossas potências espirituais através do conhecimento. O conhecimento já está aí: basta que o aceitemos. Em outras eras, as pessoas praticavam muitas penitências e austeridades a fim de adquirir conhecimento, mas, na era atual, este pro-

cesso não é possível porque vivemos muito pouco e estamos sempre perturbados. O processo recomendado para esta era é o processo de consciência de Krsna, o cantar de Hare Krsna, que foi inaugurado por Sri Caitanya Mahāprabhu. Se, adotando este processo, pudermos acender o fogo do conhecimento, todas as reações a nossas atividades serão reduzidas a cinzas, e isto purificar-nos-á.

*na hi jñāna sadrsam
pavitram iha vidyate
tat svayam yoga-samsiddhah
kālenātmā vindati*

"Neste mundo, não há nada tão sublime e puro como o conhecimento transcendental. Semelhante conhecimento é o fruto maduro de todo o misticismo. E alguém que o tenha alcançado acaba experimentando o prazer de conhecer seu eu interior." (Bg. 4.38)

Que vem a ser este conhecimento puro e sublime? É o conhecimento de que somos partes integrantes de Deus e de que devemos vincular nossa consciência à Consciência Suprema. Tal conhecimento é o mais puro que existe no mundo material. Tudo aqui é contaminado pelos modos da natureza material — bondade, paixão e ignorância. A bondade também é uma espécie de contaminação. Quem está no modo da bondade conscientiza-se de sua posição e dos assuntos transcendentais, mas seu defeito está em pensar: "Agora compreendi tudo. Agora estou bem." Por isso, prefere continuar aqui. Em outras palavras, o homem no modo da bondade torna-se um prisioneiro de primeira classe e, sentindo-se feliz no presídio, prefere continuar aqui. Que dizer, então, das pessoas que estão nos modos da paixão e da ignorância? A idéia é que precisamos transcender inclusive a qualidade da bondade. A posição transcendental começa com a compreensão *aham brahmāsmi* — "Eu não sou esta matéria, mas sim espírito." Mas mesmo esta posição é incerta. Requer-se ainda mais.

brahma-bhūtaḥ prasannātmā

*na socati na kâñksati
samah sarvesu bhūtesu
mad-bhaktim labhate param*

"Quem está assim transcendentalmente situado compreende de imediato o Brahman Supremo. Ele nunca lamenta nem deseja ter nada; tem disposição equânime em relação a todas as entidades vivas. Nesse estado, ele alcança o serviço devocional puro a Mim." (Bg. 18.54)

Na fase de *brahma-bhūtah*, deixamos de nos identificar com a matéria. O primeiro sintoma de alguém estabelecido na plataforma de *brahma-bhūtah* é que ele fica jubilante (*prasannātmā*). Nessa plataforma, não há nem lamentação nem ansiedade. Mas mesmo elevando-nos a essa fase, se não adotarmos o serviço amoroso a Kṛṣṇa, é bem possível que caiamos outra vez no remoinho material. Mesmo que subamos ao céu, atingindo boa altura, se não tivermos onde nos abrigarmos, cairemos aqui outra vez. A simples compreensão da fase de *brahma-bhūtah* não nos ajudará se não nos refugiarmos nos pés de lótus de Kṛṣṇa. Assim que nos ocuparmos a serviço de Kṛṣṇa, não haverá mais possibilidade de cairmos de novo no mundo material.

Por nossa própria natureza, queremos estar ocupados. Uma criança travessa, por exemplo, só deixará de fazer travessuras ao ser ocupada em alguma outra atividade. Dando-lhe brinquedos, desviamos sua atenção e ela pára de fazer travessuras. Somos como crianças travessas, e por isso precisamos ocupar-nos em atividades espirituais. Não adiantará muito o fato de apenas compreendermos que somos almas espirituais. Munidos dessa compreensão, devemos manter a chama acesa praticando atividades espirituais. Na Índia, é comum sabermos de um homem que abandonou todas as ocupações materiais, deixou o lar e a família e tomou *sannyāsa*, a ordem renunciada, mas, após meditar por algum tempo, passou a

fazer filantropia, abrindo alguns hospitais ou entrando para a política. Abrir hospitais é dever do governo; o dever do *sannyâsi* é criar hospitais onde as pessoas possam livrar-se de seus corpos materiais, ao invés de terem que ficar enclausuradas neles. Contudo, não tendo noção do que vem a ser atividade espiritual, adotamos atividades materiais.

A perfeição em consciência de Krsna proporciona o encontro natural do conhecimento e da sabedoria. Talvez algo desanime a princípio, mas a palavra *kâlena*, significando "com o transcorrer do tempo", indica que, se perseverarmos, teremos sucesso. É preciso ter fé, como afirma o seguinte verso:

*sraddhaval labhate jñānam
tat-parah samyatendriyah
jñānam labdhvā parām sântim
acirenādhigacchati*

"Um homem fiel, absorto em conhecimento transcendental e controlador dos sentidos, alcança rapidamente a suprema paz espiritual."
(Bg. 4.39)

A consciência de Krsna é muito difícil para quem hesita e não tem fé. Mesmo em nossas atividades corriqueiras, precisamos de uma certa parcela de fé. Na compra de uma passagem aérea, temos fé em que a companhia aérea levar-nos-á a nosso destino. Sem fé, nem sequer podemos viver no mundo material, isto para não falar de avançar espiritualmente. Onde depositaremos nossa fé? Na autoridade. Não devemos reservar nossa passagem numa companhia aérea desautorizada. Deve-se ter fé em Krsna, o orador do *Bhagavad-gîtã*. E como nos tornamos fiéis? Para tal, precisamos controlar os sentidos (*samyatendriyah*). Estamos no mundo material porque queremos satisfazer nossos sentidos. Se acreditamos que um médico pode nos curar, e se ele nos proíbe de comer certos alimentos e, mesmo assim, os comemos, que espécie de fé é essa? Caso tenhamos fé em nosso médico, seguiremos suas orientações à risca. A idéia é

que devemos seguir as instruções com fé. Com isto, adquiriremos sabedoria. O resultado de alcançarmos a fase de sabedoria é *param sântim* — paz suprema. Krsna indica que, para quem controla os sentidos, a fé manifesta-se-lhe rapidamente (*acirena*). Atingindo essa fase de fé em Krsna, a pessoa sente ser o homem mais feliz do mundo. Esta é a nossa posição. Precisamos aceitar a fórmula e executá-la fielmente. E nossa fé deve ser depositada na autoridade suprema, e não em um homem de terceira classe. Devemos procurar um mestre espiritual em quem possamos ter fé. Krsna é a autoridade suprema, mas, podemos aceitar qualquer pessoa consciente de Krsna como autoridade porque semelhante pessoa é um representante fidedigno de Krsna. Saboreando o néctar das palavras do representante de Krsna, sentir-nos-emos satisfeitos, assim como ficamos satisfeitos depois de comer uma lauta refeição.

*ajñas cāsraddadhānas ca
samsayātmā vinasyati
nāyam loko 'sti na paro
na sukham samsayātmanah*

"Contudo, as pessoas ignorantes e infiéis que duvidam das escrituras reveladas não alcançam a consciência de Deus. A alma indecisa não experimenta felicidade nem neste mundo nem no próximo." (Bg. 4.40)

Os que hesitam em trilhar este caminho de conhecimento perdem todas as oportunidades. A hesitação é decorrência da ignorância (*ajñas ca*). Quem hesitar em adotar a consciência de Krsna não será feliz riem sequer neste mundo material, isto para não falar do que vai lhe acontecer na vida seguinte. O mundo material em si já é miserável, mas, para quem não tem fé, ele é ainda mais miserável. Portanto, a situação dos infiéis é bastante precária. Somos capazes de depositar enormes somas de dinheiro num banco porque acreditamos que aquele banco não irá à falência. Se temos fé em bancos e companhias aéreas, por que não podemos ter fé em Krsna, que é

reconhecido por tantos textos védicos e por tantos sábios como a autoridade suprema? Em nossa posição, devemos seguir os passos de grandes autoridades como Sarikarācārya, Rāmānujācārya e Caitanya Mahāprabhu. Se mantivermos nossa fé, cumprindo nossos deveres e seguindo-lhes os passos, nosso sucesso estará garantido. Como se afirmou antes, devemos procurar alguém que tenha visto a Verdade Absoluta, render-nos a ele e servi-lo. Isto assegurará nossa salvação espiritual. Todos querem ver Deus, mas, em nossa atual fase de vida, estamos condicionados e iludidos. Não fazemos idéia de como as coisas sejam realmente. Apesar de sermos Brahman e jubilosos por natureza, de alguma forma caímos de nossa posição constitucional. Por natureza, somos *sac-cid-ānanda*, eternos, bem-aventurados e plenos de conhecimento, todavia, nosso corpo está destinado a morrer, além de ter uma existência cheia de ignorância e misérias. Os sentidos são imperfeitos, não sendo possível obter conhecimento perfeito por intermédio deles. Por isso, o *Bhagavad-gītā* declara que, se quisermos realmente aprender conhecimento transcendental, teremos que nos aproximar de alguém que tenha visto a Verdade Absoluta (*tad-viddhi pranipātena*). Tradicionalmente, os *brāhmanas* ocupam a função de mestres espirituais, porém, nesta era de Kali, é muito difícil encontrar um *brāhmaṇa* de verdade. Portanto, é muito difícil encontrar um mestre espiritual qualificado. Sendo assim, Caitanya Mahāprabhu recomenda que *kibā nyāsi, sudra kene naya/yei kṛṣṇa-tattva-vettā, sei 'guru' haya*: "Não importa que alguém seja *brāhmaṇa*, *sudra*, *sannyāsī* ou chefe de família. Se ele conhece a ciência de Kṛṣṇa, é um mestre espiritual fidedigno."

O *Bhagavad-gītā* é a ciência de Kṛṣṇa, e, se o estudarmos minuciosamente com todos os nossos argumentos, bom senso e conhecimento filosófico, acabaremos conhecendo essa ciência. Não é que devamos submeter-nos cegamente. Mesmo que o mestre espiritual seja auto-realizado e esteja situado na Verdade Absoluta, devemos fazer-lhe perguntas a fim de compreender todos os assuntos espirituais. Quem é capaz de responder realmente às perguntas relativas

à ciência de Krsna é um mestre espiritual, não importando onde tenha nascido ou o que seja — seja ele *brāhmaṇa*, *sudra*, americano, indiano ou outra coisa qualquer. Quando consultamos um médico, não queremos saber se ele é hindu, cristão ou *brāhmaṇa*. Uma vez que seja qualificado como médico, simplesmente nos rendemos a ele, dizendo: "Doutor, cuide de mim; estou sofrendo."

Krsna é a meta última da ciência espiritual. Quando falamos de Krsna, estamos nos referindo a Deus, é claro. Deus tem muitos nomes em todo o planeta e em todo o universo, porém, segundo o conhecimento védico, Krsna é o nome supremo. Por isso, o Senhor Caitanya Mahāprabhu recomendava o cantar de Hare Krsna, Hare Krsna, Krsna Krsna, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare como o método supremo de compreensão nesta era. Caitanya Mahāprabhu não fazia distinções quanto a casta ou posição social. De fato, a maior parte de Seus principais discípulos era formada de pessoas que a sociedade considerava caídas. Caitanya Mahāprabhu chegou a chamar Haridāsa Thākura, um muçulmano, de *nāmācārya*, ou preceptor dos santos nomes. De modo semelhante, Rūpa e Sanātana Gosvāmīs, dois dos principais discípulos do Senhor

Caitanya, eram antes conhecidos como Sākara Mallika e Dabira Khāsa e eram funcionários do governo muçulmano. Na época, os hindus eram tão estritos que, se um *brāhmaṇa* trabalhava para um não-hindu, ele era imediatamente ostracizado da sociedade hindu. Apesar disso, Rūpa e Sanātana Gosvāmīs transformaram-se nas principais autoridades na ciência de Krsna graças a Caitanya Mahāprabhu. Portanto, não se faz restrição a ninguém: qualquer pessoa pode tornar-se mestre espiritual contanto que conheça a ciência de Krsna. Este é o único requisito, e a essência desta ciência encontra-se nas páginas do *Bhagavad-gītā*. No momento, são necessários milhares de mestres espirituais para difundir esta grande ciência no mundo todo.

Entenda-se que, ao falar o *Bhagavad-gitã* para Arjuna, Krsna não o está falando apenas para Arjuna, mas sim para toda a raça humana. O próprio Sri Krsna declara que, pelo simples fato de conhecer a ciência de Krsna, Arjuna deixaria de estar sujeito à ilusão (*yaj jhātvā na punar moham*). Se temos uma boa embarcação, podemos atravessar o Oceano Atlântico com facilidade. No momento estamos em meio ao oceano de ignorância, pois este mundo material costuma ser comparado a um grande oceano de ignorância. Portanto, o Senhor Caitanya Mahāprabhu orou a Krsna do seguinte modo:

ayi nandatanuja kinkaram

patitam mām visame bhavāmbudhau

krpayā tava pāda-pāhaja-

sthita-dhūlisadrsarh vicintaya

"Ó filho de Mahārāja Nanda, sou Teu servo eterno, e, apesar disso, de alguma forma, caí no oceano de nascimentos e mortes. Por favor, resgata-me deste oceano de mortes e deixa-me ficar como um dos átomos a Teus pés de lótus." (*Siksāstakam*, 5)

Uma vez dentro do barco do conhecimento perfeito, nada temos a temer, pois nele poderemos atravessar com muita facilidade o oceano. Mesmo uma pessoa muito pecaminosa pode atravessar mui facilmente o oceano caso obtenha a boa fortuna de embarcar no navio da ciência de Krsna. Como se afirmou antes (Bg. 4.36), o que éramos em nossas vidas passadas não faz diferença. Como éramos ignorantes, podemos ter cometido muitos atos abomináveis. De fato, ninguém pode dizer que em sua vida nunca cometeu pecados. Porém, segundo o *Bhagavad-gītã*, isto não faz diferença. Basta conhecer a ciência de Krsna para se alcançar a liberdade.

Logo, é absolutamente necessário que busquemos o conhecimento, sendo que a perfeição do conhecimento está em compreendermos

Krsna. Hoje em dia, há muitas teorias em voga e todos afirmam saber como viver melhor; daí o surgimento de tantos "ismos". O comunismo é um dos "ismos" que têm se destacado no mundo. Porém, o *Srimad-Bhāgavatam* refere-se à semente do comunismo espiritual. Neste texto, Nārada Muni explica que todos os recursos naturais existentes neste universo material — quer no sistema planetário inferior, intermediário ou superior, ou mesmo no espaço sideral — são manifestações do Senhor Supremo. Precisamos compreender que todas as coisas existentes neste mundo foram criadas por Deus, e não por algum ser humano. Nenhum homem sensato pode negar isto. O *Sri Isopanisad* (Mantra 1) determina:

*Isāvāsyam idam sarvaṁ
yat kiñca jagatyām jagat
tena tyaktena bhuñjīthā
mā grdhah kasya svid dhanam*

"Todas as coisas animadas ou inanimadas existentes no universo são controladas pelo Senhor e Lhe pertencem. Deve-se, portanto, aceitar somente o que for indispensável, aquilo que é considerado o quinhão de cada um, e não se deve aceitar mais do que isso, visto que tudo pertence ao Senhor."

Conseqüentemente, todas as entidades vivas, começando com o Senhor Brahmā, o semideus supremo, e descendo até à formiguinha, têm o direito de utilizar os recursos naturais. Nārada Muni frisa que podemos utilizar esses recursos na medida em que deles necessitamos, contudo, se quisermos mais do que aquilo de que necessitamos, viraremos ladrões. Infelizmente, todos estão tentando conquistar e dominar. Diferentes nações fazem uma corrida à Lua a fim de fincar suas bandeiras no planeta e declará-lo propriedade sua. Quando os europeus chegaram à América do Norte, eles hastearam sua bandeira e declararam que aquela terra era sua nação. Este hastear de bandeira e esta mentalidade

nacionalista são devidos à ignorância. Nem sequer nos preocupamos em pensar onde estamos hasteando nossa bandeira.

Tudo pertence á Deus, e não a nós. Ter esta compreensão é ter conhecimento, e pensar que algo nos pertence é ignorância. Temos o direito de utilizar as coisas, mas não de usurpá-las ou reivindicá-las. Se despejarmos um saco de milho na rua, os pombos virão e comerão quatro ou cinco grãos e depois irão embora. Eles não pegarão mais do que aquilo que puderem comer, e, depois de comerem, continuarão suas vidas tranqüilamente. Porém, se colocássemos muitos sacos de farinha em alguma calçada e convidássemos as pessoas a pegarem sua parte, um homem pegaria dez ou vinte sacos e outro, quinze ou trinta sacos, e assim por diante. Mas os que não tivessem como carregar tantos sacos acabariam pegando apenas um ou dois sacos e, assim, a distribuição tornar-se-ia desigual. Isto é o que chamam de civilização avançada: carecemos inclusive do conhecimento comum aos pombos, cães e gatos. Tudo pertence ao Senhor Supremo, e podemos aceitar tudo aquilo de que necessitemos, mas não mais do que isto. Isto é conhecimento. O Senhor organizou o mundo de tal modo que não há escassez de nada. Nada nos faltará, contanto que saibamos como distribuir as coisas. Entretanto, a situação deplorável de hoje em dia é que uns obtêm mais do que aquilo de que necessitam ao passo que outros morrem de fome. Em consequência disso, os famintos se revoltam e questionam: "Por que deveríamos morrer de fome?" Infelizmente, seus métodos são imperfeitos. A perfeição do comunismo espiritual baseia-se no conhecimento de que tudo pertence a Deus. Conhecendo a ciência de Krsna, podemos facilmente superar a ignorância decorrente do falso sentido de propriedade.

Na verdade, sofremos devido à nossa ignorância. Perante a justiça, a ignorância não é desculpa. Se dissermos ao juiz que não tínhamos conhecimento da lei, ele nos condenará de qualquer modo. Alguém que tenha acumulado muita riqueza por meios ilegais e, mesmo assim, declare ignorar sua transgressão será punido de qualquer

maneira. O mundo inteiro carece deste conhecimento, e por isso são necessários milhares de mestres da ciência de Krsna. Há muita carência deste conhecimento hoje em dia. Não devemos pensar que, pelo fato de Krsna ter nascido na Índia, o conhecimento do *Bhagavad-gītã* é sectário ou que Krsna é um Deus sectário. De fato, no Décimo Quarto Capítulo, Srí Krsna proclama ser o pai de todos os seres vivos, como já se demonstrou anteriormente. (Bg. 14.4)

Como almas espirituais, somos partes integrantes do Espírito Supremo, porém, por desejarmos desfrutar deste mundo material, fomos transferidos para a natureza material. Todavia, não importando em que espécie de vida estejamos, Krsna é o Pai. Portanto, o *Bhagavad-gītã* não se destina a um grupo ou a uma nação em particular, mas sim a todas as pessoas do mundo todo — inclusive os animais. Agora que os filhos do Supremo estão, devido à ignorância, cometendo roubos, é dever de quem é versado no *Bhagavad-gītã* difundir este conhecimento supremo a todos os seres vivos. Dessa maneira, as pessoas compreenderão sua verdadeira natureza espiritual e sua relação com o todo espiritual supremo.

8

Ação com conhecimento de Krsna

*na mām karmāṇi limpanti
na me karma-phale sprhā
iti mām yo 'bhijñāti
karmabhir na sa badhyate*

"Não existe nenhum trabalho que Me afete; tampouco aspiro aos frutos da ação. Compreendendo esta verdade a Meu respeito, a pessoa também não se deixa enredar pelas reações frutivas do trabalho." (Bg. 4.14)

O mundo inteiro está preso à lei do *karma*. Todos nós sabemos da existência de micróbios ou germes que, aos milhões, ocupam o espaço de um milímetro. O *Brahma-samhitā* afirma que, começando com o micróbio, chamado *indra-gopa* em sânscrito, e indo até Indra, o rei dos planetas celestiais, todos estão presos a seu *karma*, a reação ao trabalho. Somos todos obrigados a sofrer ou desfrutar as reações de nosso trabalho, sejam elas boas ou más. Enquanto tivermos que sofrer ou desfrutar essas reações, estaremos presos a esses corpos materiais.

Por arranjo da natureza, a entidade viva recebe um corpo material para sofrer ou desfrutar. Adquirem-se diferentes espécies de corpos para diferentes objetivos. O corpo do tigre foi feito para matar e comer carne crua. De modo semelhante, os porcos foram feitos de tal maneira que conseguem comer excremento. E nós, seres humanos, temos dentes feitos para comer legumes e frutas. Todos esses corpos são projetados de acordo com o trabalho realizado pela entidade viva em vidas anteriores. Nossos próximos corpos estão sendo projetados conforme o trabalho por nós realizado no momento, contudo, no verso citado anteriormente, Sri Kṛṣṇa esclarece que a pessoa

conhecidora da natureza transcendental de Suas atividades livra-se das reações às atividades. Devemos agir de tal modo que não nos enredemos outra vez neste mundo material. Isto torna-se possível se tornamo-nos conscientes de Kṛṣṇa estudando Kṛṣṇa, aprendendo a respeito da natureza transcendental de Suas atividades e compreendendo como Ele Se comporta neste mundo material e no mundo espiritual.

Ao aparecer na Terra, Kṛṣṇa não é como nós: Ele é inteiramente transcendental. Nós desejamos os frutos de nossas atividades, mas

Krsna não deseja quaisquer frutos, nem Suas ações sofrem reações. Tampouco deseja Ele praticar atividades fruitivas (*na me karma-phale sprhā*). Ao fazermos algum negócio, nossa esperança é lucrar e, com o lucro, tencionamos comprar coisas que tornem nossa vida confortável. Sempre que as almas condicionadas fazem algo, há um desejo de desfrutar motivando a ação. Krsna, porém, nada tem a desejar. Ele é a Suprema Personalidade de Deus, e é pleno de tudo. Ao aparecer na Terra, Krsna teve muitas namoradas e mais de dezesseis mil esposas, e certas pessoas acham que Ele era muito sensual. Mas isto não é verdade.

É preciso que compreendamos o sentido que têm as relações mantidas com Krsna. Neste mundo material, relacionamo-nos com as demais pessoas como pai, mãe, esposa, esposo, etc. Quaisquer relações existentes aqui são apenas reflexos pervertidos das relações que temos com o Senhor Supremo. Todas as coisas existentes neste mundo material surgem da Verdade Absoluta, só que, aqui, o tempo reflete tudo pervertidamente. A relação que mantemos com Krsna é duradoura. Se somos amigos dEle, essa amizade é eterna, e perdura, vida após vida. No mundo material, uma amizade só dura alguns anos e, depois, se rompe; daí ser chamada de pervertida, temporária ou irreal. Se estabelecermos nossa amizade com Krsna, ela jamais será rompida. Se fizermos de Krsna o nosso amo, jamais seremos enganados. Se amarmos Krsna como nosso filho, Ele não morrerá jamais. Se Krsna for nosso amante, Ele será o melhor de todos, e jamais nos separaremos. Por ser o Senhor Supremo, Krsna é ilimitado e tem um número ilimitado de devotos. Alguns tentam amá-Lo como amante ou esposo, e por isso Krsna aceita este papel. Krsna nos aceitará da maneira que nos aproximarmos dEle, conforme Ele próprio declara no *Bhagavad-gītā* (4.11).

*ye yathā mām prapadyante
tāms tathaiva bhajāmy aham
mama vartmānuvartante
manusyāṁ pārtha sarvasaḥ*

"Eu recompenso todos eles de acordo com a maneira como eles se rendem a Mim. Todos trilham Meu caminho sob todos os aspectos, ó filho de Prthã."

As *gopis*, ou vaqueirinhas amigas de Krsna, praticaram rigorosas penitências em suas vidas anteriores a fim de obter Krsna como seu esposo. De modo semelhante, no *Srímad-Bhāgavatam*, Sukadeva Gosvāmi diz que os meninos que brincavam com Krsna haviam praticado grandes penitências e austeridades em suas vidas anteriores a fim de tornarem-se companheiros de folguedos de Krsna. Portanto, os amiguinhos, associados e esposas de Krsna não são entidades vivas comuns. Por não fazermos idéia do que seja a consciência de Krsna, achamos que as atividades dEle são fúteis, mas, na realidade, são sublimes. Nelas repousa toda a perfeição de nossos desejos: qualquer desejo que tenhamos constitucionalmente será satisfeito de maneira perfeita quando adotarmos a consciência de Krsna.

Krsna não necessitava de amigo algum para brincar com Ele, nem desejava uma esposa sequer. Nós nos casamos com alguém porque temos algum desejo a satisfazer, mas Krsna é *pūrṇam*, pleno em Si mesmo. Talvez um homem pobre deseje ter mil dólares no banco, mas um homem rico não tem tal desejo pois já possui milhões de dólares no banco. Se Krsna é a Suprema Personalidade de Deus, por que deveria Ele ter desejos? Muito pelo contrário, Ele satisfaz os desejos dos outros. O homem propõe e Deus dispõe. Se Krsna tivesse algum desejo, Ele seria imperfeito, pois estaria Lhe faltando algo. Por isso, Ele diz não ter desejo a satisfazer. Como Yogesvara, ou o senhor de todos os *yogís*, tudo o que Ele deseja é imediatamente realizado. O desejo está fora de cogitação. Ele Se torna esposo, amante ou amigo só para satisfazer os desejos de Seus devotos. Se aceitarmos Krsna como nosso amigo, amo, filho ou amante, jamais ficaremos frustrados. Toda entidade viva tem uma relação específica com Krsna, mas, por enquanto, essa relação está

encoberta. À medida que avançarmos em consciência de Krsna, ela revelar-se-nos-á.

Embora o Senhor Supremo seja pleno e nada tenha a fazer, Ele trabalha a fim de dar o exemplo. Ele não está preso a Suas atividades no mundo material, e quem sabe disso também se livra das atividades reativas.

*evam jñātvā kṛtam karma
pūrvair api mumuksubhih
kuru karmaiva tasmāt tvam
pūrvaih purvataram kṛtam*

"Todas as almas liberadas de outrora agiram com esta compreensão e, assim, alcançaram a liberação. Portanto, tal qual os antigos, debes cumprir teu dever com esta consciência divina." (Bg. 4.15)

O processo de consciência de Krsna exige que sigamos os passos dos grandes *ācāryas* que tiveram êxito na vida espiritual. Agindo de conformidade com os exemplos estabelecidos por grandes *ācāryas*, sábios, devotos e reis iluminados que praticaram *karma-yoga* em suas vidas, também nos libertaremos.

No campo de batalha de Kuruksetra, Arjuna teve muito medo de ficar comprometido em virtude de suas atividades bélicas. Por isso, Krsna garantiu-lhe que, se Arjuna lutasse em nome de Krsna, não haveria possibilidade de enredamento.

*kim karma kim akarmeti
kavayo 'py atra mohitāh
tat te karma pravaksyāmi
yaj jñātvā moksyase 'subhāt*

"Mesmo quem é inteligente se confunde quando se vê obrigado a determinar o que é ação e o que é inação. Agora vou explicar-te o

que é ação, e, com este conhecimento, libertar-te-ás de todos os pecados." (Bg. 4.16)

As pessoas ficam realmente confusas ao terem que determinar o que é trabalho (*karma*) e o que não é trabalho (*akarma*). Neste verso, Krsna salienta que até grandes eruditos (*kavayah*) ficam confusos em relação ao que vem a ser a natureza do trabalho. É necessário saber que atividades são genuínas e quais não o são, quais são fidedignas e quais não-o são, quais são proibidas e quais não o são. Se compreendermos o princípio que rege o trabalho, na certa libertar-nos-emos do cativeiro material. Logo, é necessário sabermos como trabalhar de modo a não mais sermos forçados a aceitar outro corpo depois deste, obtendo, assim, liberdade para ingressar no céu espiritual. Sri Krsna delinea o princípio do trabalho adequado no último verso do Décimo Primeiro Capítulo:

*mat-karma-krn mat-paramo
mad-bhaktah sanga-varjitah
nirvairah sarva-bhūtesu
yah sa mam eti pāṇḍava*

"Meu querido Arjuna, aquele que se dedica a Meu serviço devocional puro, livre da contaminação de atividades anteriores e da especulação mental, que é amistoso com todas as entidades vivas, com certeza vem a Mim." (Bg. 11.55)

Basta lermos este único verso para entendermos a essência do *Bhagavad-gītā*. É preciso estar dedicado a "Meu trabalho". E que trabalho é este? Krsna o expõe na última instrução que dá a Arjuna no *Gītā*, ao dizer-lhe que se renda a Ele (Bg. 18.66).

O exemplo de Arjuna serve para ensinar-nos que só devemos trabalhar segundo a sanção de Krsna. Esta é a missão da vida humana, mas nós a ignoramos. Devido a esta ignorância, realizamos muitos trabalhos ligados ao conceito corpóreo ou material de vida. Krsna queria que Arjuna lutasse, e, apesar de não o querer, Arjuna lutou

porque este era o desejo de Krsna. Devemos aprender a seguir este exemplo.

Evidentemente, Krsna estava pessoalmente ali, dizendo a Arjuna qual a sua função, mas, e no nosso caso? Sri Krsna dava orientações pessoais a Arjuna para agir dessa e daquela maneira, mas, não é porque Krsna não está presente diante de nós que vamos presumir não haver nenhuma orientação. De fato, a orientação está aí. O último capítulo do *Bhagavad-gītā* esclarece qual a espécie de trabalho que devemos realizar.

*ya idam paramam guhyam
mad-bhakteshv abhidhāsyati
bhaktim mayi param kṛtvā
mām evāśīsyaty aśamsaṃyāh*

*na ca tasmān manusyaśu
kāścin me priyā-kṛttamāh
bhavitā na ca me tasmād
anyaḥ priyataro bhūvi*

"Para quem explica o segredo supremo aos devotos, o serviço devocional está garantido, e, no final, ele voltará a Mim. Não tenho servo neste mundo que Me seja mais querido do que ele, nem jamais haverá alguém mais querido." (Bg. 18.68-69)

Portanto, nossa incumbência é pregar o método do *Bhagavad-gītā* e fazer as pessoas conscientes de Krsna. Devido à falta de consciência de Krsna é que as pessoas estão sofrendo. Devemos todos empenhar-nos em difundir a ciência de Krsna para o benefício do mundo inteiro. O Senhor Caitanya Mahāprabhu adveio com esta missão de ensinar a consciência de Krsna, e costumava dizer que, não importando a posição que alguém ocupe, se ele ensina a consciência de Krsna, deve ser considerado um mestre espiritual. Tanto o *Bhagavad-gītā* quanto o *Srīmad-Bhāgavatam* estão repletos de

informações a respeito de como fazemos para tornarmo-nos conscientes de Krsna. O Senhor Caitanya Mahāprabhu enfatizou esses dois livros e solicitou às pessoas de todos os cantos do mundo que difundissem esta ciência de Krsna em todas as cidades e aldeias. O Senhor Caitanya Mahāprabhu era o próprio Krsna, logo, devemos assumir que este é o indício do trabalho que devemos realizar, segundo a vontade de Krsna. Mas devemos ter o cuidado de apresentar o *Bhagavad-gītā* como ele é, sem interpretações ou motivações pessoais. Certas pessoas apresentam suas interpretações do *Bhagavad-gītā*, porém, devemos apresentar exatamente as palavras que Sri Krsna falou.

Pode parecer que quem trabalha para Krsna esteja trabalhando como qualquer outra pessoa do mundo material, mas isto não é verdade. Apesar de ter lutado como qualquer outro militar, Arjuna estava livre do enredamento de suas atividades porque lutou em consciência de Krsna. Dessa maneira, seu trabalho não era absolutamente material, embora assim o parecesse. Qualquer ação sancionada por Krsna — não importando do que se trate — não sofre reações. Pode ser que lutar não seja algo muito agradável, mas, às vezes, como no caso da Guerra de Kuruksetra, é uma necessidade absoluta. Por outro lado, talvez trabalhemos de maneira muito altruísta ou humanitária aos olhos da opinião pública e, mesmo assim, fiquemos presos à atividade material. Deste modo, não é a ação em si que é importante, mas sim a consciência com a qual se executa a ação.

*karmano hy api boddhavyam
boddhavyam ca vikarmanah
akarmanas ca boddhavyam
gahanã karmano gatih*

"É muito difícil compreender as complexidades da ação. Portanto, deve-se entender adequadamente o que é ação, o que é ação proibida e o que é inação." (Bg. 4.17)

O caminho de *karma* é muito complexo; logo, devemos compreender as distinções entre, *karma*, *akarma* e *vikarma*. Basta que nos ocupemos em consciência de Krsna para que tudo se esclareça. Caso contrário, teremos que fazer distinções entre o que devemos fazer e o que não devemos fazer a fim de que não fiquemos enredados. No transcurso normal da vida, inconscientemente infringimos alguma lei e temos que sofrer as conseqüências. Analogamente, as leis da natureza são muito estritas e rigorosas, e não aceitam desculpas. Uma das leis da natureza é que o fogo queima, e, mesmo uma criança, caso toque no fogo, ficará queimada a despeito de sua ignorância e inocência. Assim, é necessário que optemos com muito cuidado pelo que vamos fazer de maneira que as estritas leis da natureza não reajam, forçando-nos a sofrer. Precisamos compreender que espécie de trabalho devemos realizar e que espécie devemos evitar.

A palavra *karma* refere-se a deveres prescritos. A palavra *vikarma* refere-se às atividades contrárias a nossos deveres prescritos. E a palavra *akarma* refere-se às atividades isentas de qualquer reação. Ao executarmos atividades akármicas, pode parecer que sofremos algumas reações, mas, na verdade, isto não acontece. Quando trabalhamos sob a orientação de Krsna, não sofremos reações de qualquer espécie. Se decidimos caprichosamente matar alguém, o governo estadual nos condena à pena capital. Neste caso, nossas ações são chamadas de *vikarma*, pois são contrárias às ações prescritas. Se, contudo, o governo nos alista no exército em tempo de guerra e matamos alguém na batalha, não sofremos reações por isto, e isso chama-se *akarma*. No primeiro caso, agimos segundo nossos próprios caprichos e, no segundo, agimos segundo a orientação do governo. De maneira parecida, ao agirmos sob a orientação de Krsna, nossas ações chamam-se *akarma*, pois essa classe de ação não provoca reações.

*karmany akarma yah pasyed
akarmani ca karma yah
sa buddhimān manusyesu
sa yuktah krtsna-karma-krt*

"É inteligente o homem que vê inação na ação e ação na inação, e tal homem, embora ocupado em atividades de toda espécie, encontra-se na posição transcendental." (Bg. 4.18)

Quem pode realmente perceber que, a despeito das atividades executadas, não há reações kármicas, que compreende o que vem a ser *akarma*, vê as coisas na perspectiva correta. A palavra *akarmani* refere-se à pessoa que está tentando evitar as reações de *karma*. Vinculando suas atividades à consciência de Krsna, a pessoa fica livre, mesmo que execute todas as classes de atividades. No campo de batalha de Kuruksetra, Arjuna lutou, e os soldados do lado de Duryodhana também lutaram. Devemos entender o que faz Arjuna ficar isento de reações, ao passo que Duryodhana fica sujeito a elas. Do ponto de vista externo, ambos os grupos estavam lutando, mas devemos compreender que Arjuna não está preso a reações porque está lutando por ordem de Krsna. Assim, quando vemos alguém trabalhando em consciência de Krsna, devemos entender que semelhante trabalho não provoca reação alguma. Quem pode perceber a natureza desse trabalho deve ser considerado muito inteligente (*sa buddhimān*). A técnica está em compreender o que leva a pessoa a trabalhar de tal maneira, e não em observar o trabalho que ela está fazendo.

Na realidade, a atividade de Arjuna no campo de batalha era muito desagradável, mas, como ele estava em consciência de Krsna, não sofria reação alguma. Talvez realizemos alguma ação que julgamos ser muito boa, porém, se não a realizamos em consciência de Krsna, somos obrigados a sofrer as reações por ela provocadas. Do ponto de vista material, a decisão inicial de Arjuna de não lutar foi muito boa, contudo, do ponto de vista espiritual, não o foi. Ao realizarmos

trabalho piedoso, obtemos certos resultados. Talvez nasçamos em ótima família, na família de um *brâhmana* ou de um homem abastado, talvez nos tornemos muito ricos ou muito eruditos, ou talvez nos tornemos muito belos. Por outro lado, se realizamos trabalho ímpio, talvez tenhamos que nascer em família de classe baixa ou em família animal, ou talvez nos tornemos analfabetos ou tolos, ou muito feios. Mesmo que realizemos trabalho muito piedoso e tenhamos um bom nascimento, isto não nos absolverá da sujeição às estritas leis de ação e reação. Nosso objetivo principal deve ser escapar das leis deste mundo material. Se não entendermos isto, ficaremos atraídos por famílias aristocráticas, riquezas, uma boa educação ou um corpo atraente. Devemos compreender de uma vez por todas que, apesar de termos todas essas vantagens na vida material, não estamos livres do nascimento, da velhice, da doença e da morte. Para nos acautelar quanto a isto, Krsna salienta no *Bhagavad-gîtã* (8.16)

*ãbrahma-bhuvanãl lokãh
punar ãvartino 'rjuna
mãm upetya tu kaunteya
punar janma na vidyate*

"Todos os cantos do mundo material, desde o planeta mais elevado até o mais baixo, são lugares miseráveis, onde ocorrem repetidos nascimentos e mortes."

Mesmo em Brahmaloka, o planeta mais elevado do mundo material, encontra-se a repetição de nascimentos e mortes. Precisamos ir ao planeta de Krsna, se é que queremos nos livrar disto. Talvez seja ótimo estar na posição de um homem rico ou formoso, mas por quanto tempo pode-se manter essa posição? Não se trata de nossa vida permanente. Nossa erudição, riqueza ou beleza podem durar cinquenta, sessenta ou, no máximo, cem anos, mas a vida real não dura só isso, nem tampouco milhares ou milhões de anos. Nós

somos eternos, e devemos alcançar nossa vida eterna. O fato de ainda não a termos alcançado é problema inteiramente nosso. Mas podemos resolvê-lo tornando-nos conscientes de Krsna.

Se abandonarmos este corpo material em consciência de Krsna, não precisaremos mais regressar ao mundo material. A idéia é evitar por completo esta existência material. A solução não está em me-lhorarmos nossa condição no mundo material. Talvez um prisioneiro deseje melhorar sua condição dentro do presídio para, assim, ser considerado um prisioneiro de primeira classe, e talvez esse esforço lhe confira a categoria A como reconhecimento do governo, mas nenhum homem sensato contentar-se-á com a mera posição de prisioneiro classe A. O homem sensato desejará sair definitivamente do presídio. No mundo material, alguns de nós somos prisioneiros de classe A, B ou C, mas, ainda assim, somos todos prisioneiros. Verdadeiro conhecimento não consiste apenas em obter algum diploma acadêmico, mas sim em compreender esses problemas básicos da existência.

*yasya sarve samārambhāḥ
kāma-saṅkalpa-varjitāḥ
jñānāgni-dagdha-karmānam
tam āhuh paṇḍitam budhāḥ*

"É tido como dotado de conhecimento pleno aquele cujos atos não são motivados pelo desejo de gozo dos sentidos. Os sábios consideram-no um trabalhador cuja ação frutiva é reduzida a cinzas pelo fogo do conhecimento perfeito." (Bg. 4.19)

A palavra *paṇḍitam* significa erudito e *budhāḥ*, bem versado. No Décimo Capítulo, também encontramos a palavra *budhāḥ* no verso *budhā bhāva-samanvitāḥ* (Bg. 10.8). Segundo o *Bhagavad-gītā*, não é o fato de ter recebido muita instrução universitária que faz alguém uma pessoa erudita. O *Bhagavad-gītā* define como erudito o homem que encara tudo com equanimidade.

*vidyā-vinaya-sampanne
brāhmane gavi hastini
suni caiva svapāke ca
panditāh sama-darsinah*

"O sábio humilde, em virtude do conhecimento verdadeiro, encara com equanimidade um *brāhmana* cortês e erudito, uma vaca, um elefante, um cão e um comedor de cães (pária)." (Bg. 5.18)

Na Índia, segundo a civilização védica, o *brāhmana* erudito é considerado o homem mais elevado da sociedade humana. O *pandita*, sendo cortês e erudito, encara semelhante *brāhmana* da mesma maneira que encara um cão ou um pária comedor de cães. Em outras palavras, ele não vê distinções entre o mais elevado e o mais baixo. Acaso isto significa dizer que ser um *brāhmana* erudito não é melhor do que ser um cão? Não, claro que não. Porém, o *pandita* encara-os com equanimidade porque não vê a pele, mas sim o espírito. Quem aprendeu a arte de ver uma alma espiritual dentro de cada ser vivo é considerado um *pandita*, pois, na realidade, todo ser vivo é uma centelha espiritual, parte integrante do todo espiritual supremo. A centelha espiritual é igual em todos, só que está coberta por diferentes roupagens. Mesmo que um homem honrado apareça vestido com roupa muito velha, ninguém deixará de prestar-lhe as devidas honras. O *Bhagavad-gitā* compara esses corpos materiais a vestimentas que são usadas pela alma espiritual.

*vāsāmsi jīrnāni yathā vihāya
navāni grhnāti naro parāni
tathā sarīrāni vihāya jīrnāny
anyāni samyāti navāni dehī*

"Assim como alguém veste novas roupas, deixando de lado as antigas, analogamente, a alma aceita novos corpos materiais, abandonando os velhos e inúteis." (Bg. 2.22)

Sempre que vemos alguma entidade viva devemos pensar: "Eis aqui uma alma espiritual." *Pandita* é todo aquele que pode entender essa visão espiritual da vida. Cānakya Pandita dá o seguinte padrão de educação ou de qualificação para um *pandita*: "O homem erudito encara todas as mulheres, exceto sua esposa, como mães dele; encara todas as posses materiais como lixo de rua; e considera o sofrimento alheio como se fosse o seu próprio sofrimento." O Senhor Buddha ensinou que, nem verbalmente nem através de nossos atos, devemos ferir os animais. Esta é a qualificação do *pandita*, e deve ser este o nosso padrão de vida. Em conclusão, a pessoa deve ser considerada educada de acordo com a visão de mundo que tiver e de acordo com a atividade que executar segundo esta visão, e não por seus diplomas acadêmicos. Este é o significado da palavra *pandita* no *Bhagavad-gītā*. De modo semelhante, a palavra *budhāḥ* refere-se especificamente àquele que é bem versado no estudo das escrituras. Os resultados de semelhante compreensão e aprendizado segundo a ótica das escrituras são descritos da seguinte maneira no *Bhagavad-gītā* (10.8):

*aham sarvasya prabhavo
mattah sarvam pravartate
iti matvā bhajante mām
budhā bhāva samanvitāḥ*

"Eu sou a fonte de todos os mundos, materiais e espirituais. Tudo emana de Mim. Os sábios que sabem disso perfeitamente ocupam-se em Meu serviço devocional e adoram-Me de todo o coração."

A pessoa bem versada, ou *budhāḥ*, é aquela que chegou à conclusão de que Kṛṣṇa é a origem de todas as emanações. Tudo o que por ventura vejamos é apenas uma emanação de Kṛṣṇa. Há milhões e milhões de anos, tem emanado brilho do sol, e, mesmo assim, o sol

continua tal como é. Analogamente, todas as energias, materiais e espirituais, provêm de Krsna. O resultado de sabermos disso é que nos tornamos devotos de Krsna.

Assim, erudito é aquele que sabe que deve trabalhar em consciência de Krsna, que já não deseja gozar deste mundo material. Todos trabalham neste mundo material devido à luxúria (*kāma*), porém, o sábio está livre dos ditames de tal luxúria (*kāma-sahkalpa-varjitāh*). Como isto é possível? *Jñānāgni-dagdha-karmānam*: o fogo do conhecimento reduz a cinzas todas as reações às atividades pecaminosas. É o mais potente dos purificadores. Nossas vidas têm sentido e direção apenas na medida em que nos esforcemos para alcançar este conhecimento transcendental da consciência de Krsna, *rāja-vidyā*, o rei de todo o conhecimento.

GLOSSÁRIO

Aham brahmāsmi—percepção transcendental de que somos espírito, e não matéria.

Ahirhsā—não-violência com relação a todas as entidades vivas.

Akarma—atividades isentas de reações piedosas ou pecaminosas.

Anumāna—evidência adquirida mediante a audição. *Arca-vigraha*—o aparecimento do Senhor Supremo sob uma forma

de Deidade, seja em madeira, pedra ou outro material. *Anasūyu*—não-invejoso.

Avatāra—aquele que desce do universo espiritual ao universo material por sua própria vontade.

Bhagavān—Krsna, que possui plenamente todas as opulências — conhecimento, riqueza, poder, beleza, fama e renúncia. *Brahmacāris*—estudantes celibatários.

Dāna—caridade.

Jivas—almas individuais.

Kāla—tempo eterno.

Karma—deveres prescritos nas escrituras reveladas.

Karmís—trabalhadores fruitivos.

Kirtana—canto constante das glórias do Senhor.

Mahātmās—grandes almas.

Mūdhas—homens tolos, inferiores aos animais.

Mukti—liberação.

Parama—supremo.

Prakṛti—natureza material.

Prasādam—alimento que foi oferecido a Kṛṣṇa.

Pratyakṣa—evidência adquirida através da percepção **direta**,

Raja-vidyā—o rei do conhecimento.

Sabda—o método de aceitar as verdades com base nas palavras de autoridades superiores. *Sādhu*—homem

santo. *Sakti*—energia.

Samsāra—ciclo de nascimentos e mortes.

Tapasya—penitência.

Vikarma—atividades contrárias a nossos deveres prescritos.

Yajña—sacrifício.

Yogesvara—Kṛṣṇa, o Senhor de todos os *yogís*.



Visite nossos blogs:

<http://www.manuloureiro.blogspot.com/>

<http://www.livros-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesdeepoca-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesobrenaturais-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.loueiromania.blogspot.com/>